As Mal-maridadas

Copyrigth by © Eduardo Campos, 2001

Projeto gráfico e editoração eletrônica
Carlos Alberto Alexandre Dantas

Capa
Eduardo Campos/Carlos Alberto A. Dantas

Ficha Catalográfica

xxx Campos, Eduardo
As mal-maridadas./Eduardo Campos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
138p.: il.

ISBN:

1. Ostomizados 2. Adaptação I. Título

CDD

Impresso no Brasil Printed in Brazil

Eduardo Campos

As Mal-maridadas

Contos

Fortaleza
2001

AO LEITOR

Preciso confessar: medievalista sou, assumido.

Assim acabei indo aprender que os trovadores, a momentos de seus improviso, inspiravam-se aos dramas das Mal-maridadas, a esse tempo, as tantas damas marcadas pelo infortúnio, enquanto outras – e não poucas –, cumpriam também igual percurso, menos desditosas.

Logo me impus a escrever uns casos de mal casadas.

No máximo, cinco curtas histórias.

Depois de preparar as primeiras, ingenuamente considerei a possibilidade de elevar o total para sete, oito ou até nove histórias...

Resumindo: acabei indo a dez, a última um conto inspirado aos dias e gentes de 1700.

Inventado aí apenas o núcleo do drama, os nomes dos personagens principais, pois as demais referências do argumento, ordens religiosas, confrarias menos respeitáveis, o rei, tudo da época, pois

realmente existiram a ilustrar – e como ! – a vida lisboeta com hábitos, poucas virtudes e muitos vícios...

Inspirei-me, para formatar o cenário do percurso da última história, às informações de autor português, de meu fluido agrado, Júlio Dantas.

Erigi as idéias, nesse caso, sobre as crônicas que escreveu, e que, ainda hoje, vez por outra, vou relê-las com prazer, insertas em "O Amor em Portugal no século XVIII".

Nem todas as mulheres de que me apropriei ficcionalmente, convenhamos, são desditosas.

Certo que em alguns casos não pude ser benevolente, mas em outros, até me surpreendi com o destino inesperado que ousei determinar para uma ou outra...

Espero que o leitor, nessa obra de episódios circunstanciais, tenha-me na conta de narrador que, não sendo excepcional, cumpre o prometido.

Se não forem as histórias de agrado, pelo menos as alinhe o leitor no rol das que não se vêem escritas diariamente.

A vida, sob meu conceito, em verdade continua referta de sofridas Mal-maridadas.

Sofridas? Nem sempre.

E.C

Fugiram, contando os dias,
fizeram-se as noites sós
para os tristes como nós.

ÉCLOGA II, Bernardim Ribeiro

Oh quantos perigos tem
Este triste mar d'amores,
E cada vez são maiores
As tormentas que lhe vem.

TRAGICOMÉDIA PASTORIL DA SERRA DA ESTRELA, Gil Vicente

A única mágoa que fere é aquela que nos pega de surpresa.

OS CÃES LADRAM. Truman Capote

SUMÁRIO

A Paixão de Margarida — 13

Consulta de mulher vestida de azul claro a doutor gordo — 27

O Portal Verde — 39

Desventura de filha bem-educada — 51

O Marido Desaparecido — 63

Marido de Aluguel — 73

A Rival Impossível — 89

Um Drama Inesperado — 101

A Morte Contratada — 115

História Antiga de Moça que se fez freira — 127

Casal, Heinrich Aldegrever, s.d., Biblioteca Nacional, Paris.

A PAIXÃO DE MARGARIDA

Ela acordou como se alguém a chamasse carinhosamente: "Minha Margarida". E achou-se só na cama, como de resto ali se acostumara a dormir nos últimos oito anos.

O marido sumira, depois de armar falso drama de ciúmes, tudo a pretexto de a excluir da vida dele. Pois bem, exatamente esse ingrato, Romualdo de Andrade e Silva, viera em sonho, tão impetuoso quão fogoso como se estivesse em seus primeiros meses de casado, deitar-se sobre ela num desses episódios venturosos que transmitem a quem dorme a sensação de estar acordado, e inserido novamente na mais desejada realidade.

A coisa foi tão real, que ao abrir os olhos ela ainda procurou reter o marido entre os braços para afinal, desconsolada, murmurar:

– Ah, pelos céus!...

E demorou, e como demorou a levantar, teimando em reconciliar o sono, a ver se o ingrato – ausente de sua existência a tanto tempo – concluía a conjunção amorosa que a deixara, aquele instante, mais tensa, mais saudosa, carentes o corpo e a própria alma.

Tudo em vão.

Não pôde retomar o fio do sonho. E a se compreender abusada, virou-se para o lado esquerdo, sem resultado. E logo desmudou-se para o outro lado, e foi acabar de rosto enfiado no travesseiro afofado.

Ainda desalentada arriou o corpo, de bruços; e nem assim, de modo algum, reencontrou o homem que se fora, mas ali estivera em sonho como se na verdade ela o pudesse alcançar com a mão.

Já de pé "Mas que merda!" –, foi soltar o cãozinho que se largou a desobrigar-se na areia frouxa do quintal.

Aí pensou: "Quem sabe se o sonho não foi um sinal? Quem sabe se nem tudo está perdido?"

Sem se aceitar nervosa, ou ao menos impressionada, tratou de arrumar a colcha da cama, mas atordoada por mil pensamentos.

Indo trocar de roupa, achou-se o tempo todo refém do desejo que a animava desde a semana passada, de ir ver, como recomendara a vizinha, festejada cartomante que descobria os desconfortos do corpo e do espírito.

Haviam tratado do problema no dia anterior:

– Olha, criatura, nem tudo está perdido. Vai ver a mulher do baralho...

– Quero isso não!

– Custa tentar?

– Não, não, não acredito...

Paciente, a outra argumentou:

– Madame experiente, está fazendo sucesso... Traça a vida de qualquer pessoa num abrir e fechar de olhos Assim aconteceu com amiga minha. A coitada teve de saber mistérios que nunca imaginou existissem! Sendo caso de paixão, fica tudo esclarecido...

– Acredito nisso não. Baralho nunca fez o meu gênero.

A outro, a perceber que a reação da vizinha esmorecia, insistia:

– Tenta, criatura! Vale a pena experimentar... Pior é ficar se ralando de saudade e pensamentos estranhos... A mulher é profissional, com vida na Europa. Por aí afora... Esteve até no Egito...

– Conversa fiada! Anúncio de boletim é como jornal, agüenta tudo...

– Pode até ser, mas a amiga esteve lá, e a criatura desbulhou toda a vida dela... Não esqueceu nem o detalhe, que a desavergonhada enganava o marido....

– Cada qual com suas crenças. Não sou de baralho, nunca mandei jogar búzios, fazer adivinhações...

Mentia.

Logo que se foi o adorado mas ingrato Romualdo, encomendou despacho puxado a reza forte, como diziam, à intenção de o homem se arrependendo voltar para casa...

A outra tornou:

– A cartomante cobra em conta e o trabalho vale. Dou fé.

Sim, sim... A cartomante...

Já depois do almoço, estava minada a resistência ao conselho da amiga. Fingindo que ia à rua, às compras, marcou consulta com a madame. Sentia-se ainda alvoroçada com o sonho, certa de que os momentos vividos na cama, perto do amanhecer, tinham significado especial. Queriam dizer-lhe sem dúvida a mensagem de quem, de longe, continuava pensando nela, querendo – quem sabe? – retornar ao lar...

No consultório da cartomante, numa sala em penumbra, ainda teve vontade de desistir, mas a lembrança do sonho, da danação como o marido a procurara, largando-se fogoso sobre o seu corpo, tornava-a submissa à consulta.

Já que ali estava, ia até o fim.

E foi. A começar, se sentando diante de cartomante, pessoa amável, de gestos estudados e olhos perspicazes. A tudo dava impressão de ver, pois a vista passeava pelo corpo da consulente a fazer paradas estratégicas, a cada momento, para de repente falar:..

– Prazer poder contar com a confiança da senhora. Não precisa me dizer o nome, nem me informar se é senhora casada, viúva, ou solteira. O silêncio é mais importante. E agora, por favor, deixe-me segurar por um instante sua mão esquerda, a do coração...

Assim fez. E não demorou apertando-a, perceber a insegurança de Margarida.

– Não precisa ter receio. Meu consultório funciona como confessionário... Conversa ouvida aqui, aqui vai sepultada para sempre.

Depois de breve silêncio, voltou a falar, já agora com firmeza:

– Veja o baralho em cima da mesinha. Corte o monte das cartas, por favor, sem precipitação...

Após um momento, como se ali não estivesse outra pessoa, contou.

Margarida assustou-se com o relato.

Nunca imaginou fosse a outra descobrir que acabara de receber aviso, sinal de interesse sobre, o reatamento da amizade perdida.

Estava certa, ia dizendo a cartomante, que cavalheiro morando na mesma cidade, ou em outro lugar distante, homem charmoso, cuja idade não podia precisar, estava se anunciando... Era mulherengo. Terrível amante. No entanto, conquanto existissem várias mulheres na vida dele, só ela, Margarida, contava em seu coração.

Acrescentou ainda a madame, a manejar lentamente as cartas:

– A senhora não tem problema de saúde, é mulher de boas ações, aprecia animais... Faz caridade, é religiosa, temente a Deus, como convém... E mais: correta até hoje.

Outro silêncio até continuar em voz pausada:

– Não, na verdade não tenho mais nada para falar... Se a senhora não se julgar bem atendida, favor solicitar à secretária a devolução do preço da consulta...

– Não! Nem pensar nisso! Estou muito satisfeita... Apenas...

– Apenas? diga.

– Não acredito que o tal homem vá voltar...

– Voltará, mas depende muito de sua fé, do tamanho do seu desejo. Fico nisso. Não posso adiantar mais nada. O futuro está nas mãos da senhora.

– Mesmo?

– Dizem as cartas.

Foi para casa. Antes de entrar, transmitiu tudo à vizinha, sem se conter de alegria:

– Formidável a madame!

– Disse o certo?

– Quase... quase...

– Meus parabéns! Quem sabe se agora tudo não vai depender de você?

– Exatamente o que ela disse.

– Pois aposte na sorte! Você ainda é nova, cheia de vida... E tem um corpo, me perdoe, que não é toda mocinha de hoje que possui igual!

– Tu é doida!

– Verdade verdade!

Na calçada, despediu-se da vizinha. E sobrenadando em sorrisos, feliz, adentrou a casa.

Logo se descalçando, saiu a caminhar sem sapatos, sacudida, a se sentir livre.

Adiante, à entrada do quarto, desmeteu-se do vestido.

Sacou mais à frente a combinação, a se parecer, como ia imaginando, cobra largando a pele.

E só de calcinha em V, e sutiã, atirou-se à cama como alguém se joga em água de piscina, já aí a se considerar a mulher mais feliz do mundo.

Ah, o sonho, o sonho! Tinha sido o aviso.

O grande e inesperado recado de seu homem ! Todos aqueles momentos de impetuosidade do marido, consumindo-a amorosamente entre os braços, no sonho da madrugada, tinham significado muito especial.

Romualdo podia ter lá defeitos, a fingir ido dali dando-lhe o fora, mas não a esquecera. Desejava-a, e como! Era questão de dar tempo ao tempo. Ia chegar o dia em que ele estaria a lhe bater à porta, a jeito tão seu, desbragado como sempre, querendo a mulherzinha – e qual outra se não ela? – na cama, para sufocar de beijos...

Cerrou os olhos, tão leve, tão passarinho, indo de um lado a outro no espaço...

Pensava, repensava.

E outra vez pensando; imersa em sentimento de inesperada tranqüilidade.

Assim, viu-se buscando o marido ausente, não tão ingrato como chegara a avaliar nos primeiros anos, mas por esse instante humano e decididamente ardente..

Sim, Romualdo, quente, fogoso, apaixonado.

Nessa condição ela o experimentara na última noite, ofegante em cima de seu busto, a sussurrar-lhe ao ouvido se não a incomodava, se não lhe comprimia demais os seios.

E ela, no sonho, nem lembra agora o que respondera, mas com certeza vibrara, a receio de que o ruído provocado por ambos fosse ouvido pelos vizinhos, recomendava:

– Calma, homem, os vizinhos não precisam saber que estamos nos amando...

Quando acordou, só não chorou em desespero por considerar-se forte, resistente aos tais caprichos a que alguns davam por coisas do destino.

Dessa hora por diante era assumir-se, preparar-se para ver o marido entrar pela porta da rua, com o seu jeitão exagerado, obsceno, a indagar:

– Onde é que está a minha gatinha amada?

Ao dia subsequente ao da consulta à cartomante, tratou de ultimar providências que lhe pareciam aconselháveis. Desse modo foi arrumar o "quarto de hóspedes" Ali em certas tardes, aos domingos, empolgado de paixão, ele a carregava para a cama de molas, e se davam a prazeres que ela até se acanhava, depois, de recordar.

Contando por alto o que acontecia aos dois, naquele quarto, a vizinha curiosa, indagou:

– Tem espelho lá?

– Se tem? Nem conto... Grande, de lâmina inteira, como dizem...

– Ao lado da cama?

– Sim, pertinho...

– E teu marido se olha nele enquanto vocês estão "naquela hora"?

– Nem sei, mas acho que ás vezes olha...

– A cama tem colchão de molas?

– Tem, tem... Que tanta pergunta boba?

E a outra, em sorriso cínico:

– Olha, criatura, quem tem espelho grande é motel... Vá ver que o teu marido gosta mesmo é dessas coisas.

Ela irritou-se:

– Não lhe conto mais nada.

Agora relembrando, sabia que Romualdo gostava de se ver ao espelho, principalmente quando estava sobre ela, e a queria mo-

vimentando-se o tempo todo. "Vamos, dizia-lhe, você tem vida, você é quente, me toque fogo.."

Ah, esse fujão de sua vida, precisava voltar. Precisava mesmo!

E voltar para carregá-la até o colchão de molas, para diante daquele espelho indiscreto.

Os dias escoaram rápidos. Mês começando, mês terminando...

À porta, a ver quem estava lá, várias, seguidas vezes.

Não era ainda Romualdo. Não era...

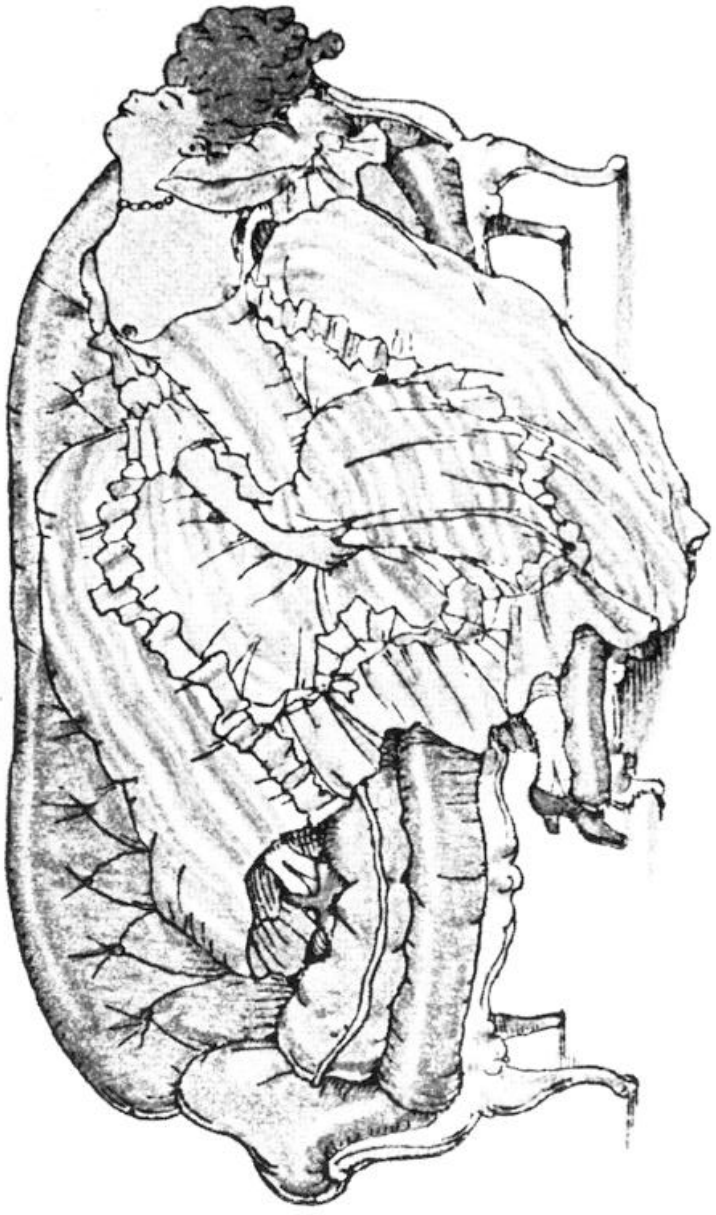
Havia hora, de estar lá o carteiro. Noutra, alguém querendo vender perfumes; e mais raro, gente equivocada à procura do endereço de pessoa desconhecida.Indo e vindo pelo corredor, a essas horas, nervosa, Margarida parava exatamente diante da porta do quarto de hóspedes; e do ponto em que estacionava, os seus compridos olhos podiam ver a colcha bordada cobrindo a cama em toda a extensão; ao lado, na mesinha de cabeceira, o vidro da colônia que "ele" gostava de usar. O maço de cigarros ovais, ponta de cortiça...

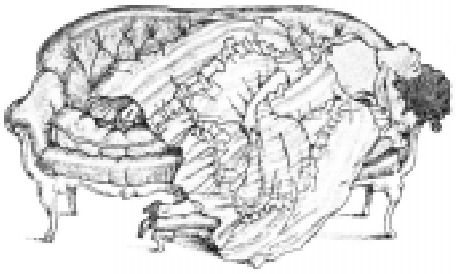
E o espelho, ah, o espelho, no qual agora ela ia querer ver-se montada pelo homem...

Ah, mas estava faltando ele, como contava a letra do samba...

Foi-se mais um ano. Veio outro, cheio de equívocos e de sinais errados.

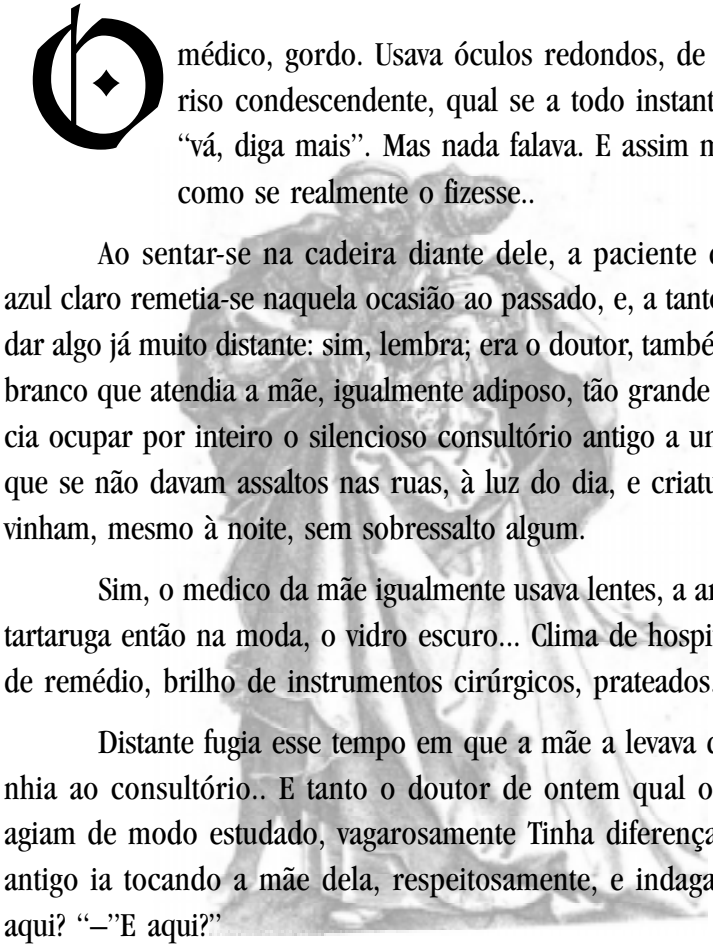
Por fim, depois de tanta aguardar, a mulher já nem queria tanto! Apenas que o marido voltasse a ser pelo menos o parceiro de seus sonhos.





Por Baixo do Vestido, ilustração de Constantin Somonff para uma edição de *Le Livre de la maquise* aparecida em Sampetersburgo.

CONSULTA DE MULHER DE VESTIDO AZUL CLARO A DOUTOR GORDO



O médico, gordo. Usava óculos redondos, de grau; sorriso condescendente, qual se a todo instante dissesse "vá, diga mais". Mas nada falava. E assim mesmo era como se realmente o fizesse..

Ao sentar-se na cadeira diante dele, a paciente de vestido azul claro remetia-se naquela ocasião ao passado, e, a tanto, a recordar algo já muito distante: sim, lembra; era o doutor, também todo de branco que atendia a mãe, igualmente adiposo, tão grande que parecia ocupar por inteiro o silencioso consultório antigo a uns dias em que se não davam assaltos nas ruas, à luz do dia, e criaturas iam e vinham, mesmo à noite, sem sobressalto algum.

Sim, o medico da mãe igualmente usava lentes, a armação de tartaruga então na moda, o vidro escuro... Clima de hospital, cheiro de remédio, brilho de instrumentos cirúrgicos, prateados.

Distante fugia esse tempo em que a mãe a levava de companhia ao consultório.. E tanto o doutor de ontem qual o de agora agiam de modo estudado, vagarosamente Tinha diferença, tinha. O antigo ia tocando a mãe dela, respeitosamente, e indagando: "dói aqui? "–"E aqui?"

Desse modo ali estava, agora mais calma, sendo atendida obsequiosamente. Fazia tempo não a tratavam assim!

Afinal deparava alguém a seu agrado, pessoa que obedecia a um modelo antigo de exercer a medicina, pronto a estar todo ouvidos ao que desejasse externar. E era exatamente isso que a fazia feliz e importante, pois não estava acostumada a quererem saber de sua vida e muito menos do corpo.

Em resposta que deu informou ser boa de boca, mas em casa não se obedecia a horário para as refeições... Tudo fora de horário.

Aí, o médico a interrompeu, animando-a a explicar melhor o significado de "tudo fora de horário."‥ E paciente, mas a escamotear um ou outro pormenor, ela repisou a informação, dessa vez nomeando personagem que aparecia pela primeira vez.

– O Valdivino...

Disse e calou, mas não demorou cobrar o médico:

– Quem é esse Valdivino?

Ela explicou: meu marido. E estimulada pelo gesto de mão que o doutor fez foi contando, pausadamente. Estavam casados há mais de vinte anos, o marido, ia dizer "mais velho do que eu", mas Deus a inspirou e pôde corrigir a tempo... Sim, o homem tinha mais idade. Por ocasião do casamento estava com quase cinqüenta, e ela chegava aos vinte e seis... Era isso, e podia dizer: o marido tinha mais experiência de vida... Correto, mas idoso, inspirava-lhe muitos cuidados, zelo que só ela, naturalmente mais jovem – sorriu e emendou –, menos velha, cabia atender. Fazia tudo para respeitar-lhe inclusive os horários extravagantes...

– É homem sem hora certa, não é?

– Assim mesmo – aquiesceu

Parou. Pôs-se calada, como se raciocinasse à procura de frase menos rebarbativa quanto ao que desejava confessar.

O doutor pareceu entender, mas insistiu:

– Vamos, explique melhor... O detalhe é importante.

– Não tem hora para chegar em casa. Nem quando volta do trabalho. Às vezes vem pelas sete da noite, noutros dias, pelas oito, e tem dia de chegar até depois das 9. Quando vamos jantar, a novela principal da noite está chegando ao final...

– Vá, vá falando...

E ela nesse ponto disse a si mesma: "E precisa pedir? Pois só o jeito do senhor olhar e ver, está querendo que eu diga tudo!" Sorriu-se a vagar, e já que o médico almejava detalhes, achou por bem mencionar acontecer dia, não ocorria sempre, de ela permanecer acordada até tarde da noite...

– Sem se alimentar?

– Sim, senhor! Não tenho jeito de me sentar à mesa só, sem ele, compreenda. De outra forma me considero em falta, afinal mulher casada tem de ser solidária...

Depois que respondeu, parecia arrependida. Bem podia ter referido que o homem sentia-se insultado se ela não o acompanhasse à mesa, ainda que o relógio alertasse passar o mundo da meia-noite...

– Conte mais.

Pôs os olhos fixos na fisionomia descansada do médico, no corpo que ele acomodava farto e solene na cadeira, metido em indumento imaculadamente branco qual peça de vestuário exibido em propaganda de sabão em pó.

– Como falei, tenho a boca ruim para comer...

– E o marido?

– Tem fastio, não! Ah! homem fácil para comer! Saúde de ferro!...

Come tudo. Nada reclama. Pode a comida estar quente, fria, nada lhe incomoda a vontade de comer. Fome voraz. Nunca o vi queixar-se de mal-estar.

– Depois de servir bastante, dorme bem?

– E ver um inocente... Tira a noite toda dormindo. Só acorda de manhã.

– E a senhora? Tem igual facilidade para adormecer?

– Nem é bom falar. Reviro-me na rede o tempo todo, não exagero.

– Pelo que vejo a senhora não dorme na cama...

– Verdade. Mas...

– Passo saber a razão?

– Não é pelo que o senhor até pode pensar.. .Meu marido sabe que tenho o sonho ruim, fico me remexendo. Não, não gosta. Aliás, não tolera. Pensando bem acho que ele tem razão... Afinal de contas, marido quando chega casa, depois do trabalho, e janta, quer repousar, dormir...

– E a senhora, como fica?

– Às vezes durmo logo, mas de outras vou me virando, virando... Me dá angústia, uma coisa ardendo dentro de mim, queimando meu estômago...

– Tem sempre esse sintoma?

– Hum, hum... – resmungou.

– Toma remédio?

– Contra acidez, melhoro logo...

– E ele..., o marido, acorda?

– Pode o mundo vir abaixo, nem se mexe... Só abre os olhos de manhã. Dá inveja a disposição dele! Vai se levantando da cama, é ver um conde, quer logo o café, e eu depressa vou para a cozinha, cuido de tudo, boto o pão no forno, a chaleira...

– Por favor, vá contando, vá...

– Ah, ia esquecendo... Olhe, doutor, para o Valdivino, comida tem de ter o tempero dele... Sal, muito sal! Aprecia tudo salgado. Se a sopa estiver sem o tempero que deseja, reclama O mundo vem abaixo, pois – me desculpe se revelo intimidades – tem gênio alvoraçado. Mais que alvoraçado.... Nem sei definir.

– E a senhora? Sente-se bem comendo tudo salgado?

– Vou ser franca. O sal me faz mal Nunca fui a especialista, como dizem, de doença do coração, mas realmente fico de cabeça quente, tenho tontura... Não é nada importante, mas me incomoda. Fico pensando que vou morrer.

Parou, pensativa, e desabafou;

– Dá medo nessas horas.

O médico pareceu mudar de posição na cadeira, mas na verdade chegou o corpo para perto da mesa, na intenção de repousar os braços à vontade.

– Ele, o marido, vai a médico?

– Não, nunca me falou... Mas vez por outra vai ao oculista... Xi!... Tem pavor de, um dia, ficar sem enxergar, passar a se movimentar pela mão dos outros. Nessas horas digo a ele: "Valdivino, isso não acontece não, e se vier a suceder tão má sorte, você vai ter a segurança das minhas mãos..." É isso. No mais acho que ele se cuida muito...

– A senhora tem filhos?

A mulher demorou a responder, presa à sensação de frustração, de tristeza – pôde perceber o médico.

– Nenhum. Mas vontade sempre tive. Quando fui chegando pelo meio da casa dos quarenta, até fiz proposta: "Valdivino", vamos ter uma criança? Ele zangou-se, me gritou, não quero herdeiro. Que eu deixasse de pensar tolice. E contou na intenção de me assustar... "Muito perigoso mulher na sua idade emprenhar. Minha mãe morreu de parto, por querer dar à luz a filho, já fora de tempo Tinha só dois anos mais que você."

– Foi por isso – disse desalentada.

– Entendi... E arrependimento de não ter sido mãe, tem?

O relógio antigo consultório, em modelo oito, bateu horas. Parecia soar distante, tão fora do gabinete, como se o tivessem metido em lugar diferente daquele, no tempo e no espaço.

Como se quisesse mudar de assunto, ela recordou:

– Na casa de minha mãe o relógio era desse... Não tão bonito... Tinha de espaná-lo com cuidado... Qualquer movimento mais desastrado que eu fazia, o aparelho saía de prumo, parando.

– Esse aí também pára...

Calaram-se os dois.

A mulher via-se observada, e a tanto a compreender que o médico queria fazer-lhe mais perguntas, e estacava indeciso. Esteve a ponto de encorajá-lo. Inexplicavelmente achava reconfortada, como nunca estivera antes, a considerar providencial a oportunidade de repassar a um estranho algo que lhe parecia, toda a vida, escondido dos outros.

Foi aí que o doutor acionou a campainha, para chamar enfermeira.

À moça, que se apresentou, instruiu:

– Vou examinar a senhora.

– Pensei que já tivesse acabado – comentou a paciente.

O médico sorriu-lhe:

Estou apenas começando – disse.

Fê-la deitar-se, delicado.

Em toques suaves foi perscrutando algum sinal de dor, e desse modo a correr os dedos – ela reparou que não obstante gorda, a mão era delicada no tato – e de momento a momento, fazendo um tanto mais de pressão, a inquirir:

– Dói? E aqui? E mais aqui?

Enlevada, ela consentia, pois nunca pessoa alguma a tratara assim com dedicada atenção e aplicado zelo. Fora tola protelando a consulta a imaginar não despertasse maior interesse seu estado de saúde. Agora seguia pensando – nesse exato momento, o ponto tocado jamais deixara de doer, e falar a respeito não podia... O marido, em momento de incontida exasperação a empurrara – não de propósito! – e ela, sem saber como se defender, desabara ao chão, indo antes bater o lado direito do corpo na mesa. Tamanho o sofrimento, no instante do choque com a madeira rija, que gritou... Lancinante grito, admitiu sempre, soou forte entre as paredes da sala de jantar... Ah, e então o Valdivino, a julgar que ela exagerava a se mostrar mais sofrida que na verdade estava, falou-lhe asperamente: "Não tolerava artista, se assim fosse teria casado com quem gostasse de encenação!"

E ela – vai lembrando aqueles terríveis instantes – em esforço acima de suas forças, pediu-lhe desculpa... Reconhecia, foi dizendo ao Valdivino, tinha mesmo o vezo de aumentar as coisas... sofrimentos...

– Foi pancada em queda? Na rua? – era a voz do médico, real.

Ela tomou outra vez a figura de paciente deitada na cama, em procedimento de consulta. E como não mentia, confessou:

– Queda em casa. Sem querer, provocada por seu marido. O doutor nem por sonho imagine ato grosseiro... Nem pensar!

Tomou a respiração, mas nem assim parecia sentir-se menos tenso. E prosseguiu, sem saber onde colocar as mãos.

– Falo a verdade: o coitado indo me segurar, acho que até para me abraçar – coisa assim de marido, comentou –, sem a intenção de machucar, acabou me fazendo perder o equilíbrio, ah, isso mesmo, foi horrível... Então, me acredite, doutor, antes de cair no chão bati o corpo na quina da mesa...

– Cuidou de fazer logo compressas de gelo, na hora?

Ela aquiesceu em vago meneio de rosto, e o médico compreendeu que ela continuava a mentir. E começou a entender que a sua nova paciente de ar ingênuo, tão informal na maneira de falar, escondia-lhe a verdadeira causa do desastrado tombo.... Que acidente nada! O homem a empurrara com brutalidade, devia ser machista, pessoa de pouca educação e respeito humano.

De admirar – consigo próprio – depois de tanto tempo o empenho da criatura em proteger o algoz.

Mandou a enfermeira ajudá-la a descer da cama.

Dava por concluído o exame.

Já de pé a paciente foi sentar-se na cadeira.

Sabia-se mais nervosa, agora a receio de que ele estivesse a fazer mal juízo do esposo, tendo-o, de modo injusto, por irresponsável e grosseiro...

Não esperou terminasse as anotações na ficha, e indagou:

– Doutor, eu estou bem?

– Sim, está.

– Vai me passar remédio, ou quer que eu venha outro dia? E radiografia. preciso? E ...

Parou, ciente de que o médico não ia prescrever-lhe nada.

Nisso foi-se erguendo da cadeira, ajeitando o vestido que lhe descia bem à altura dos quadris. E com ar de desconsolo pensou: em casamento davam-se doenças difíceis de sarar.

Era o caso dela.

Arrebatada, Século XV, Roman de Tristan, Chantilly, Museu Condé.

O PORTAL VERDE

Estavam casados há muitos anos, sem filhos. Falar a verdade, esse o problema... Assim, desse exato modo a mulher pensava a ouvir o que lhe dizia o marido. Percebia ,os dias que se avizinhavam.

Estaria cada vez mais só...

Sem ninguém com quem repartir a solidão, ficava pior, principalmente diante da notícia do falecimento do sogro, criador rico, inesperadamente sucumbido. E agora, o que vinha complicar tudo, via-se o esposo – com essas palavras ele repassara-lhe a informação – "compelido a se deslocar, por dias, até o Portal Verde", chamada assim a propriedade recebida de herança, gleba generosa de verdes e onde se criava reputado gado de corte.

– Ah, se Deus a houvesse contemplado com apenas um filho! – falou dessa vez em voz alta, e logo ponderou o homem que se comovia diante do ar sofrido da esposa;

– Paciência... E o destino. Não posso abandonar o que agora me pertence...

– Você – contrata alguém, arranja um administrador, um feitor, como se diz....

Alfredo esteve pensativo por um momento, depois do que sorriu para ela, e, indulgente, esclareceu:

– Pensei também nisso... Mas a verificar tudo mais a miúdo, cheguei à conclusão de que não me resta alternativa: vou ter de assumir a direção da propriedade. Minha filha – e aí pôs-se a discorrer vagarosamente – são mais de mil cabeças, uma vastidão de terra, chão todo apropriado ao manejo de bois em regime de engorda... Além disso, lembro aqui o conselho de velho amigo: "As passadas do dono são o melhor adubo da terra."

Após um instante, a se sorrir, acrescentou:

– Me enganei... Confúcio falou assim...

E vieram os dias adivinhados pela mulher, dias de ver-se cada vez mais solitária. De começo a ausência do marido era apenas de três dias a cada quinze; e já agora, quando o tempo avançara a inteirar um ano de desaparecimento do sogro, a semana toda, que, à mulher, parecia não chegar seu término..

Pelos primeiros meses da entrada do Portal Verde na vida do casal, Alzira tomou-se de coragem e propôs ao marido.

– Não ficava melhor você ir até lá aos sábados, regressar no outro dia? Fico tão desamparada, só!...

E ele, voltara a repisar: saíra de indesejada vida de sacrifícios para instantes de melhor compensação.. Era ter paciência, conformar-se...

E explicou o que ela já compreendera. Havia se desligado da Universidade, onde ministrava aulas em regime de aplicação integral, e assim mesmo a lamentar-se mal remunerado... Agora o dinheiro vinha fácil ao bolso; pela primeira vez aprendera o caminho dos bancos, tornara-se amigo dos gerentes, tinha conta-corrente movimentada e ousava em aplicações... Sabia – e nessa parte da explanação mostrou-se triste, arrependido – os sofrimentos dela. Duro estar sozinha, mas compreendesse... As coisas não ficariam assim toda vida...

Depois de um momento:

– Por que não vamos morar lá?

Ela assustou-se. Foi-lhe dizendo, quase às lágrimas: considerava-se medrosa, criatura do asfalto.... O pai a educara na cidade, levando-a aos clubes, a cinemas, a se divertir... E a tanto se amoldara a uma vida mais social, com os primos, convivendo com a família numerosa... Quando casou, renunciou a essa maneira de viver. Tudo pela razão que ele sabia. Amava-o muito...

Estava a ponto de chorar, quando o marido propôs:

– Ficamos lá um ano, dois... Depois vendemos o Portal Verde...

– Não, não! Não gosto de sertão, de boi... Nada disso me apetece. Ainda pequena, meu pai me levou várias vezes ao interior, a uns dias em que andou interessado em adquirir "umas terras", como di-

zia... Mas desistiu.... sim, desistiu. E sabe por quê? Por minha causa... Confessaria mais tarde à minha mãe: "Alzira ia morrer de tédio..."

– É ...

– É ... – ela repetiu.

– Assim a coisa fica mesmo difícil. . . – Admitiu o homem, de fisionomia tensa – Tudo fique à boa conta de Deus!

Por mais algum tempo, dois ou três meses, Alzira imaginou estivessem as coisas se acomodando. Tinha idéia de que o marido não ia suportar muito tempo distante da cidade, privado de divertimentos, do convívio com os companheiros que, às tardes de sábado, se reuniam no principal clube.

Mas custou a acreditar que as previsões se cumpriam de modo diferente.

Já pelo segundo ano de atividades, mal entrava em casa, a mulher pressentia-lhe o desejo de retornar ao campo. Volta e meia estava a remeter-se aos acontecimentos mais triviais da propriedade, ou a recordar compromissos.

Em certo momento, a tentar minimizar a aversão à vida rural, ao contato com a vida de pessoas simplórias que certamente não tinham o que lhe oferecer, em gesto de grande desprendimento propôs:

– Não digo que para demorar lá por prazo maior, mas posso ficar com você uns dias, um mês, se for o caso, no Portal...

E ele, de modo um tanto inesperado, de inopino, recusou:

– Não, de maneira nenhuma. Mulher citadina não vai adaptar-se ao dia-a-dia do Portal... Ia querer vir embora, atrapalharia meus negócios...

– Custa tentar?! – objetou...

– Não, não! A idéia não é boa...

Ambos se calaram, e foi ela, depois de algum instante, quem lembrou:

– E se vendêssemos a propriedade?... terra e gado.?!

Ele pôs-se sério, a modo de contrariado.

– Não, não chegara o momento.

– Ouço dizer que as invasões dos chamados sem-terra se intensificam...

– O Portal é terra bem protegida, está sendo muito bem aproveitada. – E com visível impaciência, continuou. – Não lembre coisas que não podem suceder...

Sentou-se. Passou a discorrer mais uma vez, sublinhando as vantagens do criatório, o prestígio dos pastos bem cuidados, da facilidade que tinha o rebanho para engordar...

Já então se levantando, mais entusiasmado, confessou para a mulher que o escutava com azedume:

– Nosso rebanho é altamente reputado... Fazia-lhe bem ouvir os elogios.

– Mas até quando você vai suportar esse ritmo de viagens, de ausências, meu filho? E eu? Será que não estamos fazendo perigar a nossa vida... (quase disse "nosso casamento", mas em tempo se arrependendo calou...)

Ele exasperou-se, visivelmente contrariado:

– Perigar nossas vidas? Foi o que você disse? Perigar? Em perigo estivemos antes, quando eu ganhava pouco, mal podia lhe dar o tratamento que merecia... Perigar? Não, de modo algum. Sei o que estou fazendo.

Seguiram-se mais dois ou três anos. Inalterável o quadro. A única diferença é que Alzira rendera-se mais às evidências de situação que não podia mudar.

Chegava aos sessenta, cansada, e cada vez mais só.

Alcançava ponto de submissão ao que considerava seu triste destino. Podia ter casado melhor, e não foram poucos os pretendentes, rapazes bem criados, de boas famílias... Mas terminou definindo-se por aquele, que imaginara o marido ideal para o percurso de suas esperanças, o aguardado pai de seus filhos...

Nenhum nascera. Não tivera a boa sorte de tornar-se mãe. E tudo fizera, até cumprira tratamento médico demorado e caro. Era o que lhe doía não ter conhecido os encantos da maternidade... Agora, já não tinha idade .

Estavam pelo final de mais um ano e o marido, àquele momento, dirigia-se ao o automóvel, para a viagem ao Portal Verde. Não podia passar o Natal ao lado dela, dissera-lhe com fingido ar de decepção.

Após abraçá-la, a se encaminhar à porta principal da casa, algo aconteceu, assim como se topasse em dobra do tapete... E foi escorregando, a bater com a cabeça na parede, a desabar ao piso.

Pressurosa ela acudiu, sem pressentir o que acabava de suceder. Só mais tarde, no hospital, com ar distante, equivoco e frio, o médico de plantão revelou a extensão do fato:

– Muito grave o acidente... O marido da senhora vai ficar em casa, quando sair do hospital, até se recuperar, o que levará bastante tempo... Sofreu um AVC. O lado esquerdo estará paralisado por um mês, ou dois, dependendo da reação, do estado físico dele, do tratamento, dos cuidados...

Assim foi.

Vencido o primeiro mês o doente apresentava melhoras, mas sair de casa, nem pensar...

Propriamente não andava. Dava passos, trôpego, e era uma vitória, efeito previsível da fisioterapia e remédios.

Foi quando ela imaginou pôr em prática a idéia que a animava havia dias. Precisava aproveitar a ida ao mercado como se fosse às compras, fazer breve visita ao Portal Verde.

Chegava a hora de conhecer de perto o lugar até ali excluído de seu interesse. E verificar como iam os negócios, se havia problemas, como se comportavam os empregados tocando a propriedade na ausência do patrão.

Viajou, admitido cometer imperdoável deslize, imaginando ter combinado com o esposo.

Em verdade, podiam ter diferenças na vida de casados, mas sinceros... O acordo assumido, desde os primeiros anos de casados; nada esconderem um do outro.

Pelas dez horas da manhã avistou o portão de entrada da fazenda, a se surpreender pelo aspecto acolhedor das bem cuidadas árvores.

Foi olhar e ver ao fundo o campo de gramíneas bem tosadas a estender-se até muito longe, pasto contornado e repartido de cercas, em verdade enorme tapete de vigoroso capim que crescia por igual e sob o impacto do vento, a soprar fresco e desejável, parecia curvar-se, deitar ao chão.

Mais adiante avistou a casa; sólida construção com largas varandas e fachada praticada em pedra tosca.

O carro foi diminuindo a marcha até estacionar diante de entrada pelo meio de viçoso jardim, acudido por zelo feminino, dava para ver.

Ao descer, Alzira pôs-se a contemplar a ampla porta de madeira de lei, entreaberta.

E deparou , como que esquecida sobre o espaço entre as colunas do alpendre, simplória corda com roupas dependuradas, e eram, percebeu, umas tantas peças intimas de mulher...

Fácil identificar a camisola levemente rósea. E mais para o lado, assim mesmo à vista, pendente, algo que imaginou um porta-seios de pouco uso.

O sol a esse instante abria forte.

A claridade firmando-se, mais intrometida, ia revelando vãos e desvãos.

Desse modo foi olhar e ver uma negrinha assustada que estava a recolher brinquedos de criança, menino logo pressentido também, a caminhar na direção da voz do vulto estranho, o dela, chegando.

Vendo-se como intrusa, explicou: vinha de viagem, da capital, e queria saber:

– A casa era do Portal?

A criaturinha interpelada, ainda surpresa, aquiesceu em breve gesto de cabeça.

E depois, a entabolar o diálogo com aquela senhora tão simpática perguntadora, foi confirmando: o escritório ficava ao lado,

estava fechado; o patrão ausente, fora para a Capital, não regressara, mas havia encarregado, o capataz podia atender...

A criança, parando de brincar se deixava recortar pela porção de sol que invadia o alpendre.

Devia andar pelos quatro anos...

Tão alva, tão loura, tão sorridente!...

Alzira sentiu-se então terrivelmente frustrada.

Não precisava perguntar para saber; o menininho era o filho que ela nunca pôde dar ao marido.

Draped Seated Figure, James Mc Neill Winstler, 1893.

DESVENTURA DE FILHA BEM-EDUCADA

Quem poderia adivinhar – lamentava o homem –, tão bem criada para a vida, tendo tudo para ser feliz, e, assim, tão de repente – afinal podia perceber –, as coisas sonhadas, em sonhos se perdiam.

Enquanto se dispunha a escrever prelibada carta à filha, rememorava, vivia hora de inesperada provação, pois embora não desejasse ter de volta o passado, – exatamente esse, longo e inabordável espaço de tempo, por inteiro, de modo impiedoso acabava vindo postar-se na frente dele.

Ah, em hora qual essa podia lá esquecer o extremo zelo aplicado à educação da moça, abençoada filha única, a partir da escolha do colégio onde estudara, estabelecimento recomendado pela sociedade do lugar, e, àqueles dias, dos anos trinta, administrado por credenciada irmã de caridade, das tais que impunham também pela imponência alvacento do chapéu de abas largas, o qual, arrumado à cabeça em curioso formato próprio da ordem religiosa, fazia sugerir o cuidado antes exercitado no engomado a ferro quente.

Pois bem, a moça saíra dessa convivência, aparentemente aprendida e educada, falando francês, cuidadosa até demais, inclusive na eleição dos livros que as colegas lhe propunham à leitura. Em verdade os tempos eram outros, e as famílias, como a da moça, podiam ir à rua em grupo, pai, mãe e filha. Assim, como se conta, freqüentavam o cinema do bairro, o pai quase a morrer de se rir com as astúcias das comédias do Gordo e do Magro.

A mãe, ao contrário, ria pouco. Apreciava mais os filmes românticos, um por anos a fio rememorado com devoção, e estrelado (como se dizia por então) por Greta Garbo.

E a menina? Não, não tinha preferência. Sem perceber resultara em criatura praticamente sem vontade, certa de estar no mundo para fazer o percurso, bem protegida graças aos conselhos dos pais. Quem não admirava o casal? Par unido, "dois pombinhos" ao referir de todos, exemplar convivência para quem apreciava a vida matrimonial correta.

Os desastres da existência, os percalços que acometiam as pessoas, entendia a moça, estavam apenas nas páginas dos jornais, num e noutro crime passional, ou, quem sabe? em histórias de adultérios sussurradas segredosamente, algo a passar longe, e muito, de seu interesse.

E assim, como se esses detalhes estivessem outra vez resgatados, o pai – Francisco Abreu da Silva –, de coração estremunhado, passou a escrever carta à filha casada, linhas que jamais pretendera fazer. Custava a crer fosse verdade o que lhe confiara a esposa, às lágrimas: "A Margarida, nem queria lhe dizer, anda tão sofrida! O casamento "parece" não estar indo muito certo..."

Por quê? Assim perguntou, pois nada mais pôde imaginar, de imediato, para acrescentar ao pasmo incontido. E transcorrido breve instante, cobrou à esposa explicação pormenorizada sobre a razão dessa inesperada preocupação...

Ah, sem querer, começou desde aí a compreender que os fatos acontecem quando menos se espera...

E aí estava o homem a insistir consigo mesmo, didático: os bons não deviam ser atraiçoados pelo destino. Como ia *aquilo* acontecer a pai, qual ele, toda vida obstinado em fazer o melhor? Recomendável moça de família estudar em colégio de freiras? Para lá não encaminhara a filha, ainda que a amargar uns tantos sacrifícios?

Começou a se sorrir. O maçom deixou de freqüentar a Loja, pois veio dia em que a intrometida freira quis saber de Margarida:

– Menina, me disseram que seu pai é maçom. Verdade?

Não, não era.

E era. Para não considerarem-na mentirosa, consciente das obrigações de pai, não mais compareceu às reuniões da Loja a pretexto de problemas de saúde. Também desde então não fazia mais o sinal identificador da confraria, a apertar a mão pela primeira vez às pessoas...

Sob tais recordações foi escrevendo, em letra redonda, clara, firmando no papel a perplexidade de que se tomava com a notícia confiada pela esposa...

No momento em que escrevia estava ciente de que tudo não passara de episódio desentendido, e, até admitia, não mais que um desses equívocos circunstanciais, não de raro a envolver as pessoas sem ver para quê.

A essa altura pensou repassar à filha: em apenas duas ou três vezes, ao longo de seu abençoado matrimônio, andara de rusga, meio rompido com a "santa de sua querida mãe..." Mas tudo passara sem mágoas nem resíduos de rancor, que, vida a dois, no casamento, tinha lá tropeços... dias de frustrações...

E pelo final da carta recomendava paciência.

O casamento também exigia momentos para reflexão... Criatura alguma, de bom senso, à conta de pequenas incidentes domésticos, podia arriscar pôr em risco a existência compartilhada na mesa e na cama...

Margarida assustou-se com a carta do pai.

Como assim, os dois já lhe sabiam as amarguras? O que lhes poderia dizer em resposta? A verdade? O sentimento de frustração que desafortunadamente vinha experimentando desde o dia em que encontrou o nome e o número do telefone da "criatura" no bolso do paletó do marido? Contar os receios, a insólita sensação de inutilidade que a acometera, a se saber posta de lado, algo que já não soava como antes?

Sob tais pensamentos sentou-se à escrivaninha, a pensar, a repensar como deveria responder. E se reconheceu vacilante. Não podia ser sincera, informar ao pai que o tal papelucho maldito, figurado acidentalmente esquecido em lugar impróprio, não fora obra do acaso... mas prova, como referido em filmes policiais, "plantada"...

Dava-lhe a certeza de que o marido, tão organizado, não se permitiria esquecer documento, por mínimo fosse, capaz de levantar suspeitas quanto ao comportamento, não para se proteger, admitia, mas para não afligi-la...

E relutava logo às primeiras linhas da carta. Isso permaneceria segredo dela? Importava para o fato o pedaço de um nome (estava meio ilegível: Alzira? Alzita? Alice?) e o telefone...

A toda certeza, não do local onde moravam, números extensos.. Não havia na lista telefônica, a mais recente entregue aos assinantes, aquele prefixo...

Decidiu omitir detalhes, a preferir acentuar os receios, a insegurança de que se achava possuída a imaginar o marido arredio, capaz de atraiçoá-la.. Talvez, insistia nesse ponto de vista, nada mais fosse ciúme tão comum a mulheres que demoram distantes do marido, dias e dias... Não, tudo fruto da imaginação! Vinha hora de contar que até um mês, ou dois antes, julgava-se a mulher mais feliz do mundo...

O pai procurasse entender, ia alinhando no papel o pensamento falseado: nada mais havia de anormal na vida dela. Até se surpreendia, contou detalhes, os telefonemas que passava, ausente de casa, em viagem de negócios, interessado (e como!) no bem estar dela.

A tanto, insistia fazer-se forte; não queria ver os "queridos e adorados pais" imaginando desconfortos que não existiam. Era feliz. Nada lhe faltava ao lar, a bonita casa de portas imaculadamente alvas incrustadas em austera mas imponente fachada de cor neutra, a chamar a atenção pelo jardim de flores desabrochando e majestosa palmeira imperial, de talhe esbelto, ao lado.

Ao final, para demonstrar-se descontraída, indagava se o pai, o "querido paizinho", ainda se fingia não maçom, pensando em livrá-la do julgamento da madre superiora...

Em meados do ano a correspondência entre a filha e os pais esmoreceu. O problema – se é que realmente existira – parecia diluído no que devia ter sido – algum simples desencontro de opiniões comum aos que vivem a dois.. Em verdade, pensava Francisco Abreu, o que de melhor faziam, ele e a esposa, deixar a filha tratar da própria vida. Casada devia saber que nem tudo, como se dizia, são flores no matrimônio...

Mas, por razões que nem sempre as pessoas podem explicar a contento, outra vez a curiosidade de Margarida foi encontrar no bolso do paletó do marido, em dia imediato ao retorno de habitual viagem, recibo de conhecida floricultura... O marido, com bastante tranqüilidade, explicou, mandara rosas à esposa de importante empresário, em razão de negócio em andamento. Simples gesto de cortesia, etiqueta social...

E não tardou dia em que a dona da casa indo atender ao telefone, voz feminina, com acentos de atrevimento, indagava "se o Mário" já voltara do escritório... De pronto, Margarida respondeu: "Não, a senhora procura o Dr. Mário Gustavo, meu marido? Não, o *doutor* Mário anda não chegou..."

Outra discussão à chegada do marido.

E aí por diante o que antes parecera coincidência, fato fortuito, encaminhava-se agora para a existência de algo mais sério.

Em dado momento, em acalorada discussão sobre infidelidade, o homem a surpreendeu dizendo:

– Ora, saiba que tenho o direito de ter minha vida! Os incomodados que se retirem!

– Seu todo poderoso Mário Gustavo, espere para ver o que vai acontecer.

E sucederam outros dias por diante, o diálogo do casal cada vez mais áspero, alteado e hostil o tom de voz de ambos. E tudo piorou quando, ao entrar em casa, vindo do escritório – uma sexta-feira, a começo do fim de semana –, Mário Gustavo assustou-se.

A mulher, aparentemente tão dócil até então, apresentava-se em vestido de ir à rua, já chegando ao vestíbulo... Ao lado dela, largada no assoalho, a maleta de viagem, claro indício da intenção de ausentar-se.

– Vai sair? – ele indagou, reconhecendo-se inseguro.

– Estou indo embora – foi a resposta.

– Embora como? Abandonando o lar?

– Tem até graça! O *senhor* não disse que os incomodados se retiram?

– Espere!? Você perdeu o juízo?

– Perdi não! Sei bem o que quero fazer.

– Ah, meu Deus! – o outro lamentou – Pensei que estivesse casado com mulher de juízo!

– Posso saber a razão de seu pasmo?

– Mulher, era surpresa! Tenho tudo preparado... começou a contar.

– Surpresa? Que surpresa? Conte.

Mário Gustavo arriou-se na primeira cadeira próxima. E isso, ela admitiu, muito natural nele, gesto de puro exercício teatral.

– Então? Fale.

– Surpresa – confirmou –, ia dizer só depois do jantar, antes de ouvir o noticiário.– Parou, a avaliar o efeito despertado, a expectativa. Não pretendia avisar antes, mas seus pais, *os meus queridos sogros,* estão chegando aqui amanhã.

Ela, sem perceber, encostou-se à parede da sala, a vacilar atônita. Não era possível! Não queria a presença deles, o testemunho dos pais às cenas de discussões tão deploráveis amiudadas ultimamente...

Foi a vez dele falar outra vez, como se acabasse de ler-lhe o pensamento.

– Ah, você talvez não os desejasse aqui mas achei fundamental para acalmar os *nossos* ânimos...

Perplexa, atordoada, a mulher agora não sabia o que fazer.

Custou a perceber que o marido, curvando-se para o chão, apanhava a valise e a conduzia até o começo do corredor, depondo-a ao pé de cabide antigo, móvel praticamente sem serventia.

Ela seguiu-o a se lamentar a dizer palavras sem nexo. E a um instante qualquer algo assim como "Bandido! Eu já podia esperar uma coisa dessa... Você é capaz de tudo..."

Indiferente, o homem foi-se aprofundando na casa, a alertar a empregada: "Vai esquentar a sopa, criatura! Meu banho será rápido!"

Mais tarde, qual convalescesse de habitual achaque, vendo esfumada no tempo a educação que recebera, a irmã de caridade, o pai maçom, a mãe romântica, a festa do casamento (via-se sempre a atirar o buquê de noiva às amigas solteiras), foi-se sentindo resignada, e à lembrança de doença que jamais larga a pessoa até a hora da morte, ela compreendeu: tinha a sua, também fatal, parceira de convivência difícil.

Recolheu-se ao quarto, a ocupar a cama separada, em que dormia nos últimos meses.

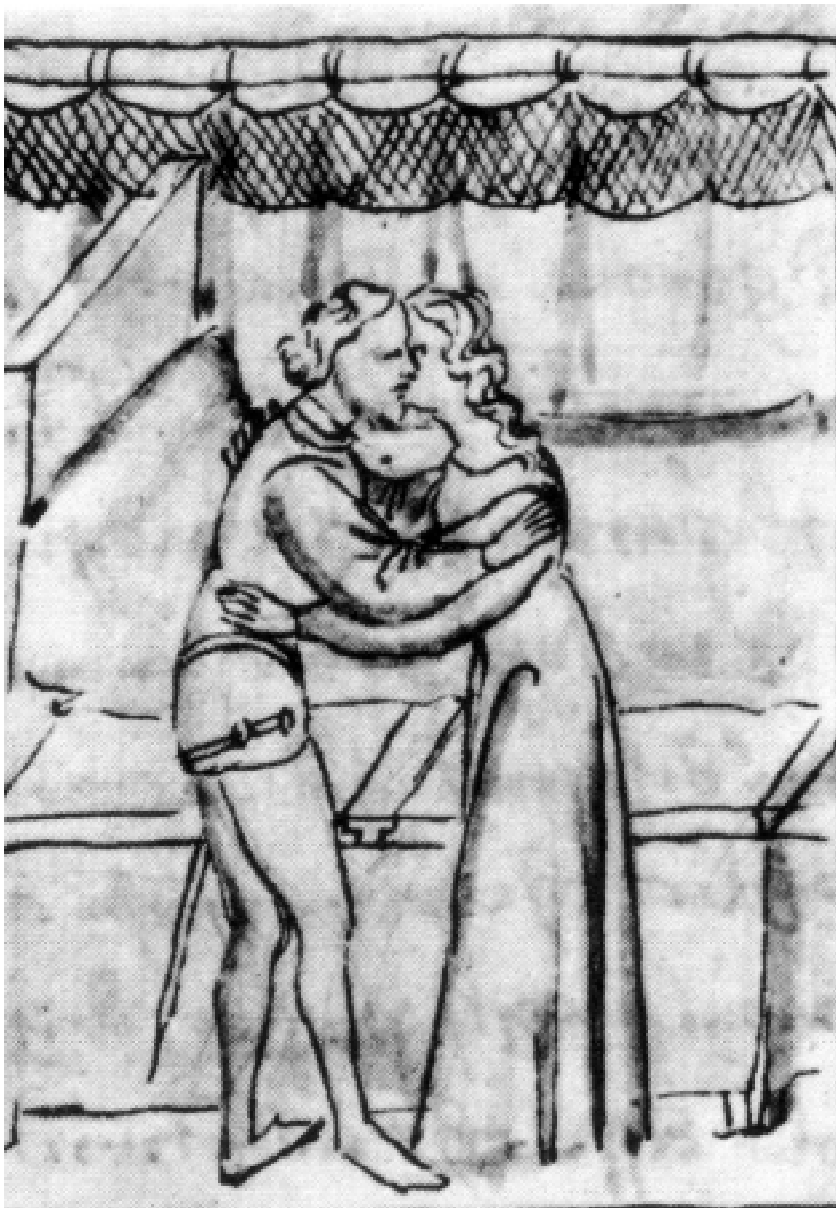
Àquele exato momento clara a convicção de que tudo não passava de *armação* do mando. Os pais, por hipótese alguma, chegariam ao outro dia...

Terrivelmente desamparada, solitária e indefesa, compreendeu.. Contraíra doença pérfida que acomete a mulheres de matrimônio fissurado.

Restava sem remédio, sem assistência médica.

Sem esperança.

Sem amor.



Manuscrito ilustrado do Decameron. *As preliminares têm sua importância*. Paris, Biblioteca Nacional, 1370.

O MARIDO DESAPARECIDO

Nunca se chegou à conclusão do que em verdade aconteceu com Mandolino, homem respeitável, casado com D. Beatriz, dama de muito conceito no lugar, e que, além de carregar muitas jóias no corpo exuberante, não parava de recordar, a todo instante, a importância da família.

De cedo, depois de o dono da casa desaparecer (para muitos seqüestrado), a comunidade dividiu-se em dois bandos distintos: o dos representados por quem julgava a ausência do conhecido fiscal de rendas, ato de livre e espontânea vontade, cansado de suportar a esposa espalhafatosa; ou, em segunda versão, para livrar-se das dívidas de jogo, escapando assim a truculentos parceiros da Casa da Sorte, ambiente freqüentado não só pelo carteado de apostas altas mas por mulheres que ali fazem ponto a consertar encontros.

Havia quem contasse que Mandolino, indo-se de vez, deixara largado na mesinha de cabeceira da cama, em que dormia com a esposa, esclarecedor bilhete informando ausentar-se por uns tantos dias, mas nada de preocupações: "Volto, não posso viver sem você..."

E como foi correndo o tempo, "tantos dias" na verdade já significavam seis meses, D. Beatriz tomou decisão de não contentar a todos; ir procurá-lo.

Pessoa de nome ignorado, que se entendera por telefone, informara a presença do desertor na capital, onde se deixara ver mais de um vez jantando em restaurantes de luxo.

O pai considerando a filha presumivelmente abandonada, posicionou-se contra. Em seu entender, a viagem dela em procura do desaparecido, soava perda de tempo. A seu ver, Mandolino nunca mais retornaria.

Não faltaram apostas de valor alto sobre o caso.

A maioria jogava na possibilidade de jamais Mandolino ser encontrado pela esposa, mas havia os que avaliavam a situação de modo diferente. D. Beatriz podia ser inconveniente na maneira de conversar, exibir idéias, e mais precisamente o corpo exageradamente gordo, mas dispunha de dinheiro fácil para gastar.

E dinheiro, diziam, fazia milagre!

Assim, sob expectativas tão diversas ou pouco encorajadoras, a mulher partiu acompanhada de advogado, única concessão do pai, que sugeriu "Leve com você pessoa de confiança. O Dr. Matoso é hábil, pode ser bastante útil."

Na capital, um dia depois de tomarem hotel, passaram a cobrar notícias de alguém conversador, jogador de baralho, rico, que gostava de exibir-se.

Surgiram pistas.

D. Beatriz, acompanhada do advogado, deu de se movimentar, indo a todos os lugares. Teve de passar por mulher viciada ao carteado, sentar-se à mesa com pessoas de nenhuma confiança, conquanto logo se retirasse a pretextar inconveniente dor de cabeça.

Toda uma semana passou indo de um ponto a outro visitando a periferia da cidade, demorando em lugares suspeitos. E nada.

Animava-a uma ou outra referência sobre "atencioso jogador de baralho", cidadão mais "perdedor do que ganhador", sempre à mesa dos mais afamados profissionais.

Na última ronda, a reclamar não agüentar mais, desanimada confessou ao advogado:

– Pra mim perdi a esperança...

Tocaram para os lados da praia, à noite, onde maior a concentração de turistas.

Pela meia-noite, em obra do acaso, ao sair de uma casa de diversões, deparou a figura do desaparecido. Lá estava o Mandolino, metido em roupa branca impecável, florzinha vermelha na lapela.

Ao contrário do que se podia imaginar, ao avistar a esposa, foi logo abrindo os braços para abraçá-la, estralando a voz, alto:

– Beatriz! Minha Beatriz!

Arrastou a mulher pela mão, fê-la sentar-se na primeira cadeira que encontrou.

– Meu Deus, você assim me mata!

E ainda trêmula, assustada, a mulher se desculpou: tinha de vir... Não podia ficar distante.

– Não devia correr riscos... podia cair na rua, sofrer um desastre! Isso, nunca!

– Mas que eu devia fazer'? gemia a mulher.

– Esperar, esperar! Fui claro... Ia voltar, só não precisei a data, hora.

– Mas para que isso, meu filho? Pra quê? – continuou a mulher, insegura.

Ele ia falar, parou. Só então viu aquele cidadão de pé, a seguir-lhe os gestos, curioso.

– E esse? Quem é? – indagou.

– Advogado de papai... Veio me acompanhando.

– Boa idéia! Pela primeira vez seu pai pensou correto. Não podia deixar você andar de léo em léo sem uma pessoa para orientar... Muito prazer, meu amigo. Muito prazer!

E a notar os dois atentos às suas explicações, passou a contar pausadamente, muito senhor de si:

– Olhem, não posso regressar agora. Fui claro ao tomar a decisão de tentar vida longe da influência, entendam, da ajuda da família. Cansei de ser "marido da professora", dependente dos ou-

tros, do dinheiro alheio... Vim para cá tentar, quero que compreendam, minha independência.

E falando, gesticulando, foi retirando a mulher e o advogado para lugar perto em que podiam, anunciava, "fazer ótima refeição. Pediu uísque ao garçom, "dois, dois" e, refrigerante, para a senhora". é quando o tempo correu, e viu hora de tomar a decisão que arquitetava, sugeriu ao advogado:

– O doutor vai só para o hotel. Fico com minha mulher. Hoje ela dorme em meu apartamento.

Antes que Beatriz dissesse alguma coisa, esclareceu:

– Eu podia ir para onde vocês estão, mas chamaria a atenção do gerente... "Que mulher é essa? Não trouxe o marido, e agora já se faz acompanhada por um estranho?" Sorriu-se a si mesmo satisfeito pelas palavras, e vendo a esposa aquiescer em riso largo, acumpliciante, ajuntou:

– Nós sabemos nos entender, não é, meu bem?

Nisso o advogado riu também, e partiu.

Como se nada houvesse acontecido de importante na vida de ambos, os dois apanharam um táxi que os levou ao prédio onde morava Mandolino. Imponente o edifício – ela admirou-se. E requintado, atendimento de primeira. As pessoas, que o homem ia encontrando, cumprimentavam-no com consideração e alegria.

Ela queria saber de tudo, se ele não a atraiçoara até então...

– Nem pensar. Sou jogador profissional, mas nunca fui de andar às voltas com aproveitadoras... A história conto como deve ser contada. Vou voltar para vivermos em assumida felicidade, altivo, e sem favores.

Enquanto assistia a mulher ir-se desfazendo do vestido, a recostar-se na cama, carente de agrado, foi-lhe dizendo mais:

– Sou refém de seus carinhos, minha Beatriz, mas não do seu dinheiro.

Coquete, como se flutuasse no espaço do quarto, ela via agora tudo cor-de-rosa:

– Oh, querido! como você me faz feliz!

E em dado momento, apreensiva, séria:

– Fale, fale franco. Engordei mais'?

Ele viu-a como alguém observa pelo lado contrário de binóculo, e com esforço de galanteria, explicou convincente:

– Um pouquinho só, mas não prejudica ainda o corpo. Quando eu voltar, você vai me obedecer em tudo, a começar cumprindo regime especial para emagrecer...

Ela riu-se toda, a responder-lhe feliz:

– Assim mesmo, como acaba de sugerir. Adoro ser sua refém!

Sobre o que aconteceu àquela noite no apartamento de Mandolino, especulou-se bastante. Dr. Matoso, o advogado, à boca pequena espalhou para o círculo de amigos que a conta do quarto, segundo indiscrição do administrador do *flat*, foi enorme.

Os garçons, em determinada hora, chegaram a fazer fila para levar champanha ao casal que se encontrava depois de tanto tempo. Pelas dez horas do outro dia, ainda estava pendurada, do lado de fora da porta, o aviso: "Favor não perturbar".

Para o vizinho do apartamento de Mandolino a noite correu estranha. Ao levantar-se para ir ao banheiro, duas ou três vezes, incomodado pelos ruídos e vozes, ouvira distintamente a voz de senhora lamentar-se, proclamando-se "a mais infeliz das criaturas, e que não merecia tanto desgosto..." A pessoa que lhe fazia corte, em certo momento, a dirigir-se a ela, falara com desdém e em tom de voz muito ofensivo: "Também que se pode esperar de uma "montanha" de carnes!"

Mas D. Beatriz, a regressar para casa, triunfante, tinha outra versão, e não escondia o entusiasmo pelos bons momentos vividos com o marido.

Indo ao escritório do genitor, não conteve a alegria:

– O senhor estava errado. O Mandolino não demora voltar.

– Duvido. Considero-a mulher sem marido.

– O senhor fala assim por desconhecer o encontro, as boas horas de prazer que vivemos juntos...

– Não foi a história que me contaram.

Ela retirou-se do escritório, irritada com o pai por não acreditar na regeneração de Mandolino, um marido agora animado só em ganhar dinheiro, tornar-se independente para retornar a viver com ela sem a terrível humilhação dos dinheiros da família.

Às amigas elogiou Mandolino.

– Queria que vocês vissem como mudou! Tornou-se pessoa de decisão, sério chegou ali, parou. Nada do que inventaram, que havia me abandonado... Virem a boca pro mar! Na capital tivemos um noite de amor toda movida a champanha... Noite de quem muito se ama...

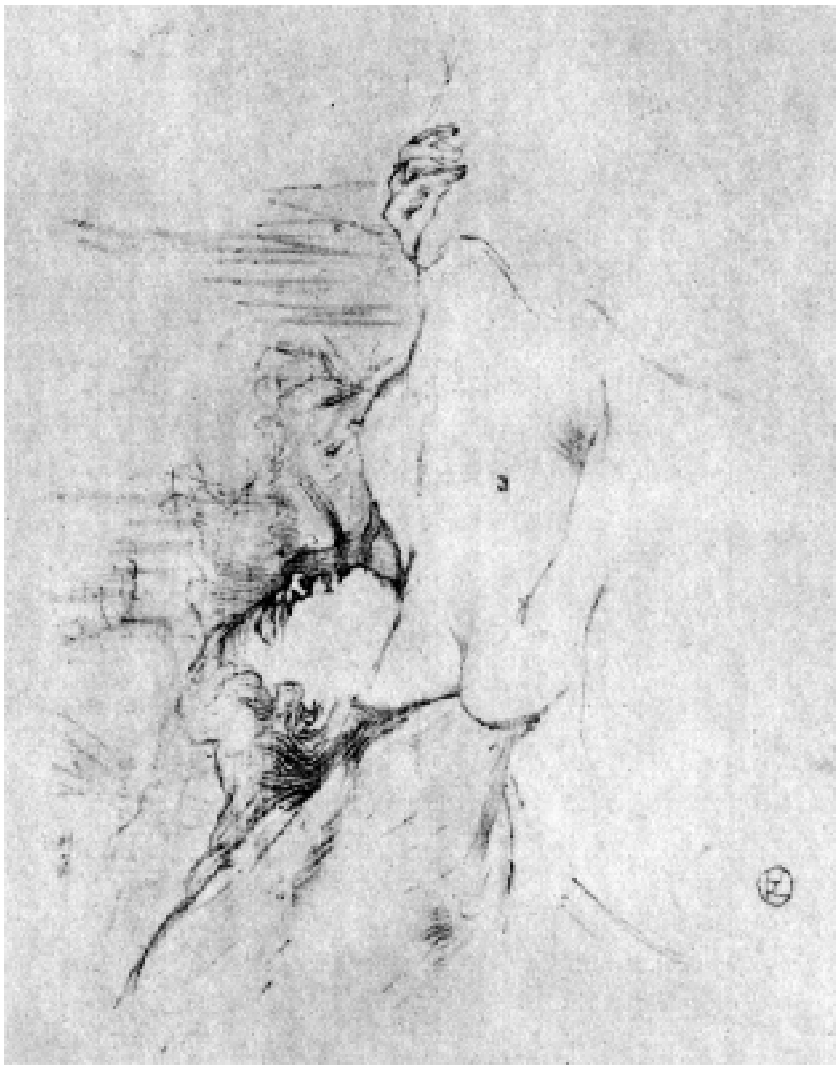
Quando as colegas se retiraram, depois de se livrar do vestido, que a apertava, foi-se ver, admirar-se ao espelho...

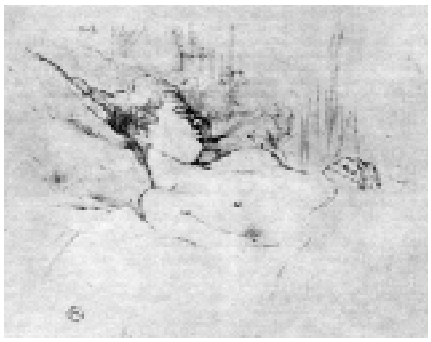
Em realidade, pensou; tinha mesmo engordado além do que esperava. Sobrava razão a Mandolino em querê-la mais esguia de corpo....

Ao outro dia levantou-se da cama disposta a ir caminhar na praia, andar pelo menos uns mil metros, para começar. Tinha de voltar ao peso de antes de casada, deixar de comer bolinhos e tomar guaraná a todo instante. Precisava, mas como precisava, estar no ponto, esbelta, para ser amada pelo marido quando retornasse.

Mandolino jamais voltou.

Não de raro, em se passando os anos, a mulher sentia, a cada dia, estar mais perto de empreender outra viagem para achar novamente a sua coisa perdida, o marido.





Sleep, Henri de Toulose-Lautrec, 1896.

MARIDO DE ALUGUEL

O vizinho entrou – não tinha mais de cinqüenta anos – e foi andando a seu modo, cauteloso, caminhando do jeito como apreciava, tão dele e identificado pelos que moravam na rua. Muito a vagar arriou-se na espreguiçadeira de pano listrado em linhas azuis e brancas, indicada pela dona da casa, a amiga.

No instante em que demoraram envolvidos pelo silêncio, que parecia anunciar a exposição de assunto grave, o homem temeu fosse a mulher queixar-se de enfermidade irrecorrível, dessas que, acometendo às pessoas, não demoram carregá-las para bem longe do bem querer de parentes.

Não, não era doença, principalmente a que amedronta principalmente as mulheres... Não, devia ser problema de ente querido, coisa assim...

Ia pensando enquanto o silêncio parecendo menos tenso contaminava-se já então com os ruídos da rua, alguém ralhando com o filho, na calçada...

Ela, que tomara assento em cadeira diante dele, a dois passos se muito, suspirou a modo de quem se emociona, e foi hora dessa vez de o homem afinal compreender: d. Vitória queria confiar-lhe importante intimidade, segredo de família, quem sabe? E novamente desconfiou que se tratava realmente de doença, não dela, mas de parente...

E nada da mulher falar, até que ele, não suportando a situação, começou:

– E então, d. Vitória?

Ainda aí a dona da casa não abriu a boca, a vista parecendo noutro mundo, a olhar e ver paisagem que, tomada a um calendário antigo desses que perdem a utilidade, estava na parede a sugerir recanto feliz, modesta casa de pescador grimpada em barranco de barro vermelho (seria almagre?), e, por diante do modesto prédio certamente praticado em taipa, numa depressão do terreno escorria um rio, a água dando a idéia de estar iluminada pelo sol...

A impressão, agora, percebeu o homem, é de que cansando de admirar a pintura do calendário, ela tomava a decisão de ferir o assunto que hibernara no pensamento.

Assim se houve, e a sua voz meio trêmula foi ouvida na atmosfera silenciosa do cômodo:

– Dionísio, preciso muito do senhor...

– ... ...

– Muito, muito mesmo...

– E então? É dar as ordens..

Não era fácil, ele começou a perceber. A vizinha em arrodeio que até parecia fora de propósito, com a vista desviada para a paisagem dependurada na parede, desandou a contar, a modo de quem faz confissão ou revela história guardada na memória (ou no coração) por muitos anos, e, de repente, vem hora de revelar. E ela falando, falando.

– Acho, nunca lhe confiei. Fugi de casa, vim tentar a vida na grande cidade, e acabei esbarrando nessa ponta de rua, mais longe do que eu desejei. Só Deus sabe o meu sofrimento. O senhor, meu amigo e vizinho, tem testemunhado só o ponto talvez menor da minha recuperação. Tive um homem, posso dizer marido, mas o desgraçado me largou... Agora, mamãe está adoentada, pegou aquela *coisa* que doutor ainda não aprendeu a dar jeito... O pior vem. Tenho de ir lá, chegar lá com *meu marido....*

– Pois então é ir. Sabe, sou de confiança, fico tomando conta da casa... Boto água na trepadeira, nos jarros de plantas da cozinha. Aposto que ladrão nenhum entrará na casa da senhora...

– É isso não! – Disse e parou. Podia-se perceber à procura de palavras, a tentar uma frase que exprimisse melhor o desejado. Demorou um longo minuto, e afinal decidiu-se. – Minha família pensa que continuo casada, que meu marido ganha bem... Inventei que é fiscal de ônibus, dos que vigiam se motorista e trocador estão entrando de sócio no dinheiro do dono da empresa... Pois bem, esse o problema... Por conta, não dormi essa noite, só imaginando, imaginando... De repente, inspirada por Deus, me lembrei que o senhor podia me fazer um favor...

– Faço o que a senhora pedir...

– Quero exatamente desse modo. – Disse e parou indecisa, temerosa de arriscar a proposta em mente.

– Fale, criatura – insistiu o outro.

– Quero que o senhor aceite me acompanhar... Seguir comigo... – Parou, como arrependida.

– Seguir com a senhora? Para ajudar?

O menino gritou lá fora, na calçada. Quando o silêncio meteu-se outra vez na sala e novamente escapuliu, ela ousou explicar:

– Não, Dionísio... A se fazer de meu esposo, sim, em fingimento...

– Mas... – ia dizer que não tinha jeito, não sabia desempenhar o papel de marido, jamais casara, solteirão até àquele momento...

– Aceite... – ela implorou, – Por favor, aceite, a gente resolve tudo.... Não quero dar dor de cabeça à minha mãe doente... A coitada está, como se diz, se despedindo da vida... Olhe, pago pelo obséquio, dou o que pedir.

Foi a vez do vizinho erguer-se da cadeira.

Com ar aborrecido caminhou até a porta, a tentar ver indicação à decisão que devesse tomar, e deparou apenas a claridade do sol entrando pela janela aberta, e mulher, carregando mais ao longe, o menino rebelde.

A voz dela soou outra vez na sala, às costas do homem, e ele imaginou-a ajoelhada, mãos estendidas, aflitas, implorando:

– Por favor, não me abandone nessa hora!

Virou-se assustado. Não ouvira frase de quem finge estarrecer-se a fato doloroso, mas grito de quem brada por socorro. Era como se a vizinha insistisse, espavorida: "Me acuda, me acuda!" E ele mais que depressa, sem nem ao menos raciocinar, anuiu decidido.

– Estou com a senhora para o que der e vier...

E achou-se falando, formalizado – Vou para onde determinar...

Ainda sensibilizado pela angustia dela ajuntou:

– Acalme-se, vai dar tudo certo...

– Eu pago, gratifico bem ao senhor! – insistia a mulher.

– Quero dinheiro não!...Vou de graça, de coração!

Ao outro dia, partiram.

Ela sem parar de contar, a inventariar como viviam em família, o tamanho da casa...

Na certa a mãe gostaria de vê-la ocupando o quarto em que se pusera moça, aflita, a se imaginar com doença ruim no corpo.... E voltou a contar: no cômodo tinha uma janela, não tão larga como a do calendário da sala, mas suficiente para revelar, fora, o rio passando...

Ah, era aquilo que entendia por felicidade! Felicidade devia ser algo assim, a sensação de acordar e se sentir outra vez viva, vendo a natureza, a água do rio, indiferente a tudo, aos desastres da vida, sempre a correr em direção ao mar...

O ônibus que os levou, não demorou cumprir o percurso da viagem.

Já pelo ocaso, quando o céu ameaçava perder a luz do sol, e escurecer de vez, o veículo estacionou na estação de pouco movimento.

Logo surgiu pessoa, era de meia idade, irmã de Vitória, a cobrar pressa ao casal desembarcado.

– Tem de ser rápido. – Insistia. – Mamãe piorou muito! Temos de aproveitar o momento, que a coitada quer conhecer o senhor, seu Dionísio... É só em quem fala desde a chegada do aviso pelo telefone do Posto de Saúde.

O grupo apressou os passos.

Logo, Dionísio avistou o rio correndo silencioso, depois a casinha acomodada na encosta, e o povo, na calçada do prédio, esperando-os.

– Segure meu braço, Dionísio – a mulher pediu. – Estou me emocionando, posso desmaiar.

Com gesto de carinho e atenção, a ver marido zeloso, Dionísio guiou-a na subida dos batentes, animando-a, delicado.

Mais por diante, sem se dar conta do que acontecia, achou-se envolvido de abraços; eram familiares e curiosos desejosos de verem a ambos mais de perto. Diziam:

– Andem, andem! Ela agora mesmo recobrou a consciência. Como gosta dessa filha!

Os dois e de resto os que os seguiam adentraram o quarto empenumbrado.

Dionísio não mais andava, parecia mover-se suspenso do chão, pois já agora o carregavam todos, pressurosos. E foi assim que ele se viu diante da cama da enferma, praticamente aluído do solo.

Ali, bem diante de todos, estava o vulto da enferma, a sumir-se entre a coberta amarfanhada da cama em que repousava, caquética, pode-se dizer, mas ainda atenta, àquele momento, ao que ia em seu derredor, sufocante anel de curiosos mórbidos.

Nessa hora, em visível esforço, o último que talvez fizesse, a cabeça ia – se levantando para tentar identificar, e contemplar, os entes queridos que rumorosamente acabavam de chegar.

Aquela molhe humana pressentiu-lhe o lampejo dos olhos, no exato instante em que pôde avistar, como vinha desejosa havia tempo, a filha apartada do lugar, mas não de seu coração.

E felicidade era, como acontecia, no quadro agora admirado, a ver também aquele cidadão bem vestido, de fisionomia séria, a fitá-la respeitosamente, o marido de sua querida e jamais deslembrada Vitória.

Não tinha meios de falar, pois faltavam-lhe as forças, mas a filha compreendia, tinha certeza, o que ela queria proclamar alto e bom tom para os invejosos circunstantes: "Estão vendo? Minha filha esta casada, não vivia como rapariga na Capital. E o cavalheiro, ao lado dela, o mandão correto e importante, conhecido inspetor de ônibus, homem de respeito, cumpridor das obrigações... Sim, não tinha criado a moça para se amancebar ou andar sustentada por qualquer mequetrefe..."

Vitória, descontrolada, trêmula, e agoniada, chorava.

Dionísio, assustado com a cena que não adivinhou fosse acontecer, não sabia o que fazer. Estava também emocionado.

Assim, a um repente – que coisa! – veio-lhe boba vontade de chorar. E todos que assistiam a cena, vendo-lhe caírem ao rosto tomado de rubor umas tantas lágrimas, acudiram a reforçar o pranto...

Comovido, achou-se agora a se dizer a si mesmo: fazia anos que nem em fita de cinema, das mais tristes, vira cena tão comovente...

Vieram mais parentes depois, não pela enferma, mas movidos pela curiosidade, na intenção não disfarçada de conhecerem de perto o marido de Vitória. Ninguém acreditava houvesse aquela "criatura louca de pedra", longe da casa da mãe, conseguido aprumar-se na vida, comportar-se e acabar esposa.

Fora ela, falavam agora segredosamente, quem começara a malignidade na vida da mãe, santa Emerenciana, de quem se podia dizer: pomba sem maldade, viúva de duas obrigações na vida com a família e Deus.

Vissem-no! Era como a doente desejava dizer. Ali um cidadão de ar sério, amigável com a esposa! A todo instante punha as mãos nos ombros dela, em forma de ajuda, e carinho.

Os demais também reparavam-lhe os gestos, e imaginavam o que ele dizia à mulher... Agora estava sugerindo-lhe tomar ar à janela do quarto, a ver o rio passar... Sim, o homem lembrava o rio correndo, o rio que ela gostava tanto de ver.

Ah, a sugestão armara efeito entre os presentes.

Viam, o homem estava bastante interessado em tudo; nos mínimos detalhes de agrado da esposa.

Até, em hora como essa, ia lembrar-lhe o rio....

Homem de boa fé, pensavam em uníssono os circunstantes. Estava longe de saber que pela janela do quarto, a tal que olhava para

o rio, a criatura saía de casa para a boemia desenfreada, só voltando pela madrugada, enquanto a mãe tão desprovida de maldade, a cobrar dela explicação se na verdade dormira bem, não se ausentara de casa...

Avançando a noite, já esmorecida a curiosidade, vizinhos e parentes se retiravam. O desejo de todos um só: ver a doentinha a luz do dia seguinte.

Não viu.

Dionísio, ao acordar, avistou Vitória postada à janela, a olhar – o que ele imaginou – se o rio estava correndo... Foi quando vieram bater à porta, alertando-os:

– Se levantem, ela está morrendo!..

Acudiram os dois o mais rápido que puderam. Já encontraram D. Emerenciana sem vida. O pranto inconsolado, como que fustigado pelo desespero entrara no quarto.

Vitória debruçou-se sobre a cama. E de lá, com dificuldade, tirou-a Dionísio, sem reparar como falava:

– Minha filha, console-se... Deus chamou sua mãe para lugar melhor. Ruim é esse mundo onde moramos...

– Não, não! – reagia a mulher, desesperada.

Já pelas sete horas a casa outra vez encheu-se. O enterro, marcado para as onze horas, embora não faltasse quem o sugerisse para mais tarde, a esfriar o sol.

Saiu como combinado antes.

Depois, foi horrível para os que ficavam.

A casa toda diluía-se em lamentações que afligiam as pessoas a reclamar do calor. Não era, era dor.

Fora-se a linha mestra da família, o fuste rijo de madeira antiga que sustentava a todos. Tudo a concorrer para Vitória sentir-se mais culpada...

Recolheu-se ao quarto. Deitou-se, exausta. Arrependida do passado, das contrariedades dadas àquela que se fora...

Dionísio trouxe-lhe café amargo. Adiante, vendo-a a suar frio, mandou urgente buscar o vidro de álcool, para esfregar o líquido nos braços da mulher.

Umas tantas pessoas que chegavam até o quarto, a saber se "a coitada" precisava de remédio, deparando Dionísio a cuidar de modo tão delicado e lesto de Vitória, iam-se dali maravilhados, comentando:

– Marido bom! Outro tinha saído para a bodega, a beber uns tragos...

Vitória e Dionísio, dois dias depois, regressaram.

A mulher mais que nunca agradecida ao companheiro de viagem.

O ônibus, ao parar a primeira vez, a apanhar passageiros, deu oportunidade para Dionísio adquirir cestinha de uvas pretas para entreter Vitória. "Então deliciosas", disse ela, depois de servir-se, grata.

Ele deu-lhe o lenço – tinha cheiro bem, o pano bem lavado e extratado –, e a mulher sorriu-lhe outra vez enternecida, já agora compreendendo que o companheiro havia sido irrepreensível nas horas amargas que vivera nos últimos dias.

E como se olhasse a paisagem que passava – dessa vez não era o rio, que via da janela de seu quarto, mas crianças assistindo a corrida do ônibus, pessoas humildes postadas à margem da estrada, começou a recapitular todos os momentos que o vizinho e ela tinham experimentado juntos. E se sorriu a recordar a noite em que foram dormir como marido e mulher. Ah que gracinha!... Ele deixou-a entrar na frente, para trocar de roupa. Só quando a imaginou debaixo do lençol, cauteloso, apareceu.

Tomou a rede armada, e não a cama em que ela estava, o lençol a lhe descobrir a carnuda perna aparentemente pendida por negligência. Fazendo-se de omissa ao que se passava quase ao alcance da mão, ela acompanhou os movimentos cautelosos de Dionísio, já a esse instante largado no côncavo da rede armada, a procurar "o

canto de dormir", aquela posição tão do conhecimento das pessoas em hora de render-se a almejado sono.

A levantar cedo, Vitória foi à janela, e ali, ao modesto peitoril, de costas para a rede em que ele se encontrava aparentemente dormindo, estacionou de propósito a exibir-se só de calcinha e porta-seios. Na verdade estava mesmo interessada em que o companheiro de viagem visse-lhe os quadris bem torneados... as nádegas apertadas na "lingerie"... Não se sentia jovem, capaz de competir com quem andasse na casa dos trinta anos, mas se sabia mulher de agradar a homem.

A todo momento não podia esquecer as horas de estranhas e graves emoções experimentadas até ali... No quarto, à beira da cama em que se finara a mãe... Os gestos, as palavras carinhosas do marido que fingia... e como!...

Em rigor, ela não estava preparada para testemunhar tantas emoções e sobretudo desfrutar, novamente, a quase intimidade de um homem em sua vida...

E tudo, afinal, acontecera porque graças a Deus em todos os momentos lá estava o Dionísio.

– Quer mais uva?

A voz do homem, emoldurou-a novamente na realidade da viagem de volta! no interior do veículo lotado de pessoas que não paravam de conversar.

Foi a vez de desprender-se dos pensamentos que ainda a faziam tensa, e por então se descobrir contentada ao calor do corpo ao qual se amparava graças aos movimentos do carro trepidando na estrada.

– Ah, eu estava longe, na casa de mamãe... Me desculpe, acho que estou incomodando.

– Ora, esqueça! Fique quieta...

Calaram-se. Até a cidade ela continuou como estava. Era feliz!

Já desapeados do táxi, na rua em que moravam, ele tomou a iniciativa de abrir a porta da casa, enquanto ela o percebeu ir-se adiantando, a adentrar o prédio em passadas firmes, tendo à mão a valise.

– Onde deixo suas coisas? No quarto?

Ela aquiesceu a seguir-lhe os movimentos, curiosa e agradecida. E se deixou sentar na primeira cadeira que achou perto, cerrando os olhos.

Ao abri-los, deparou Dionísio retirando-se da casa, sorrateiro.

À porta, ainda aberta, ele parou – a impressão é de que não desejava ausentar-se.

Foi aí que a vizinha, como se saísse de sonho para entrar noutro desejado e nunca alcançado, disse-lhe em voz clara, determinada:

– Queria tanto que você ficasse!

GUSTAV
KLIMT
05

Portrait of a Woman, Gustave Klint, 1896.

A Rival Impossível

Não, não existem mais bruxas das que vi certa vez a um filme em preto e branco, navegando em mistérios, escarranchadas em cabos de vassoura... Agora, transportam-se, correm de um lugar a outro, em avião, trem, e, mais simploriamente, em ônibus.

A bruxa, que vem ao caso relatar, minha sogra.

Veio para nossa casa como pessoa qualquer, passageira de ônibus. Desceu na rodoviária, em dia de pouco movimento, e eu lá estava ao lado de meu marido, certo de que haveríamos de conviver – a sogra e eu – como duas boas amigas. Em verdade, conquanto eu tenha pressa de narrar todos os fatos, que acabariam arruinando minha maneira de viver, temo que o fazendo desse modo não satisfaça a curiosidade de todos.

A mãe de Pedro não era dessas pessoas magras, sensíveis a movimentos, e que não se preocupam com regime alimentar, e por isso mesmo acabam podendo viver melhor do que nós outras, em geral criaturas desejando manter o corpo sob o rigor do controle das refeições, mas sem o basta aos desvarios da gula.

Gorda, a mulher. Devia de andar pela casa dos setenta, pois tinha os cabelos brancos, assumidamente brancos. Usava óculos, dois pares: o de ver de perto e outro, para avistar o que estava fora de seu alcance. Podia pesar por volta de cem quilos, e sabia andar devagar, mas com elegância. Embora pesada de corpo, movia-se relativamente sem incômodo. E na verdade, vendo-a à primeira vez, pude logo defini-la por esperta.

Cedo, ao clarear do dia, já estava de pé para a primeira refeição. De comum chegar à mesa contando para o filho "Dei duas voltas no quarteirão, vi a saída dos vizinhos, o marido da senhora, que mora ao lado, sai antes e os meninos, quando vocês estão se levantando, seguem também para o colégio. Acrescento: contava ainda a meu marido, antes mesmo que víssemos as notícias do jornal, o que sucedera durante a noite, o transcurso de inesperado óbito de importante autoridade, ou inesperado desastre, e até mesmo – pasmem – como começaram operando as bolsas no exterior.

Faço parêntese, para contar: afinal eu só conhecia minha sogra de informações por carta e fotos (deploráveis instantâneos) que chegamos a permutar no período em que me mantive noiva e, por diante, já depois de casada. Quando nos casamos, Pedro (funcionário de governo) e eu estávamos vivendo fora do país. Só pelo nosso regresso foi-me possível travar conhecimento mais amiudado com d. Ermelinda, e isso mesmo, praticado por telefone e em correspondência informal.

Todas essa rememoração para explicar que, a iniciativa de convidá-la para vir morar comigo e meu marido, não foi propriamente de minha inspiração, mas do Pedro. Prazerosamente considerei a proposta por boa oportunidade de contarmos com mais uma pessoa da família na mesma casa, aliás lar até então sem crianças.

E de resto, a anuir, pensei: Pedro e eu poderíamos sair a mais vezes para jantar fora, freqüentar as estréias dos bons filmes da semana, e até ver os amigos, uns tantos, de mais agrado, que havíamos conhecido na universidade...

Pedro concordou comigo.

– Vai ser ótimo! Só assim vamos ter nossas noites bem desfrutadas, pois sei que mamãe, descomplicada como é, gostará também de nos seguir.... Ao mesmo tempo, se se achar indisposta, saberá ficar em casa para assistir um programa de televisão.

De minha parte, raciocinei: ainda que se animasse, com tanta disposição, tudo fazia crer que, com o corpo que diziam ter, não estaria disponível para nos acompanhar...

Assim, fiz-lhe bem explicada e amável carta, exteriorizando-lhe formal convite para a "coroar a felicidade do lar que estávamos construindo no Brasil", vir compartilhar conosco do mesmo sentimento familiar.

Não respondeu logo. Demorou.

Mais adiante, quando eu já havia até esquecido do convite, eis que me chega às mãos atenciosa carta escrita em linguagem bem cuidada, algo assim em estilo antigo.

Não, a toda certeza a missiva não era peça de escrita dos dias atuais, feita por quem não demora atenção no texto, ao real significado das palavras. Ao contrário. Minha sogra mesclava em tudo que punha no papel um ar de reflexão, de coisa estudada, de seriedade. Quase austera na maneira de escrever, as frases simples, algo que ao final da leitura produzia inesperado resultado.

Sim, era jeito especial de escrever, de transmitir emoções, dizer coisas com um tom de intimidade coloquial e ao mesmo tempo um toque respeitável, como se houvesse no decorrer dos assuntos exercitados, um quer que fosse de assumida cortesia.

Foi de muita cordialidade o dia da chegada de Ermelinda. Entrou na casa do filho, melhor dizendo, em nossa casa, achando tudo bonito. Ia, a caminhar fazendo estações, a parar diante dos quadros pendentes das paredes, dos enfeites da decoração, de detalhes do assoalho corrido, sem cessar de comentar. "Ah, vejo agora quanto perdi longe de vocês, ausente desse lar maravilhoso! Que preciosidades vocês têm! – "Ah, esse nu, que desenho distinto..."– " Ah, quanto bom gosto. Certamente de muito bom gosto..." – "Meu Deus, que arranjo de flores! – "E o jarro! Como combina o arranjo floral com as cores da sala, a concorrer para dar-nos as boas-vindas...."

E eu ouvindo, e já me metendo em dúvidas.

Não me parecia haver sinceridade em tudo que a sogra ia dizendo... Ao longo de meus quarenta aos, pelo menos isso de saber até onde as criaturas estavam falando corretamente, aprendera... Não, me dizia a mim mesmo, d. Ermelinda não pensa desse modo... Esse jarro de flores, nem precisa reparar a vagar, foi arranjo de última hora para o canto da sala não demorar frio, desprovido de toque feminino, aliviar a seriedade do recinto...

O terceiro ou quarto dia, quando já havíamos estabelecido o trânsito da cordialidade familiar em bom nível, veio trazer-me foto ampliada, instando-me a examiná-la:

– Veja por favor..

– Há... a senhora e Pedro. – mencionei.

– Sim, seu rico maridinho...

– ...

– Queria o retrato em cima de uma mesinha...

– Onde a senhora sugerir.. Fico contente.

Meu marido, considerou-o reproduzido em formato de pouca expressão. Propôs fosse ampliado, o que tratou de providenciar dois dias depois. E de modo conveniente, mãe e filho, juntos, foram plantá-lo em lugar de destaque logo à sala de acesso à intimidade da casa.

A pouco e pouco, ao avançar dos dias, fui percebendo a adoração de minha sogra pelo meu marido.

E comigo mesmo, vi-me a lamentar ter sido criada de modo diferente. Na verdade, em casa de muitos filhos, seis ao todo, desses só duas mulheres. Por sermos numerosos, meus pais não tiveram condições de caprichar no documentário fotográfico da família. Pena, sim, dá pena...

E dia veio, talvez um mês depois, a ouvir d. Ermelinda referir a foto dela e do filho com extrema admiração, circunstância outra vez a me remeter a meu passado, o de minha família, sem nenhum ato de perseguir os estipêndios da posteridade.

Em nossa casa, forçoso admitir, os retratos de casamentos, aniversários, de primeira comunhão, feitos em conjunto, guardavam-se numa modesta caixa de sapatos...

O sarcófago, como de maneira irreverente apodava meu pai, a debochar de minha mãe, nada interessada na opinião dele, homem amoroso mas excluído de recordações familiares.

Tenho de lembrar: os primeiros meses dessa convivência foram razoavelmente agradáveis. Em fins de semana íamos a restaurantes. Eu adorava fazer refeições fora. Se havia hábito bom de meu pai, a meu ver, esse.

Pelo menos uma vez na semana papai ia ao melhor restaurante da cidade acompanhado de mamãe e todos os filhos. Tenho para mim que se julgava importante atendido pelo garçom, geralmente moço distinto que nos olhava e via como se fôssemos realmente importantes, não tanto pela gorjeta com que meu pai o acudia e ele "sim, senhor, sim, senhor"– mas pela nossa aparência de gente educada, feliz com a vida.

Pois bem, por meses – foram muitos – cumprimos nossa visita, em companhia dela, aos restaurantes mais comentados da cidade. Meu marido escolhia o de sua preferência, ocasional e por telefone fazia a reserva. Ermelinda não obstante o corpo tomado de carnes, em rigor andava com desembaraço, e nunca foi do tipo das matronas que ameaçam a integridade física das cadeiras.

Ao chegarmos em casa, meu marido acompanhava minha sogra até o quarto em que ela dormia, e não de raro demorava lá, às gargalhadas – confessava-me depois – ambos a relembrar os bons tempos desfrutados juntos. Ele fazia-lhe elogios:

– Mãezinha tem memória prodigiosa! Relembra cada detalhe! Dessa vez, recordou dia de muita chuva... E assim mesmo vestira-se, foram ao restaurante. Ah, surpresa! Os empregados da cozinha, em razão do temporal, não compareceram ao emprego. Sem outra pessoa para diligenciar os pratos, tomaram todos uma mesa, e haja vinho, e haja café, e haja sobremesas, mais uma, mais outra... A conta enorme!

Ouvi aquele tratamento carinhoso – "mãezinha" – com mais freqüência desde essa noite. Raramente Pedro dirigia-se à minha sogra sem dispensar palavras de carinho. Assim, de comum, a todo instante bastante, e eu até podia dizer, exageradamente afetuoso: "minha querida" "minha mãe do coração"...

E dia veio em que me vi às voltas com problema inesperado. Ir a uma relojoaria de nome comprar o presente de aniversário de minha sogra. Preciso confessar que esse fato, o aniversário dela, me apanhou de surpresa.

Aconteceu aquilo tão de repente, que, até hoje, imagino inventado, a data natalícia de Ermelinda engendrada apenas para tirar partido do entusiasmo com que, mais amiúde, ultimamente, meu marido a contemplava.

E assim haveria de ser, o evento marcado para dia já próximo, oito de janeiro. Nessa ocasião festejaríamos – e também quanto à exatidão da comemoração eu mantinha minhas dúvidas, não acreditando fosse real o festejo de suas sete décadas de existência.

Pedro sugeriu-me adquirir colar de pérolas, não importando o valor.

Desse modo me desempenhei, ouvindo o joalheiro sentenciar: "já não se faziam noras tão dedicadas às sogras"...

Tive que confirmar e explicar que meu marido desejava gravada no lado interno da peça a dedicatória: "Para a melhor mãe do mundo..."

Ainda nessa noite, que transcorreu circunscrita à alegria de família tão resumida, comecei a perceber: "nosso" relacionamento (acudo a explicar em tempo, do meu marido comigo) já não obedecia a antigos parâmetros que instintivamente observávamos.

Assim, a partir daí – não seria mera impressão minha – meu marido passou a redobrar atenções para a genitora. E ela, certamente consciente disso, a fazer de tudo para estar sempre lembrada carinhosamente.

Mas nem tudo acontecia desse modo.

Houve momento em que ela passou a se desculpar:

– Olhem, – ia dizendo – não me levantei disposta. Talvez seja o meu reumatismo, achaque de quem vai caindo, ou já caiu, na idade... Se vocês concordarem, ficarei em casa... Vão, vão se divertir! sejam felizes, meus queridos pombinhos!

Com o passar dos dias e a repetição da recusa dela, fui dizendo a meu marido, ainda que a contragosto, melhor demorar em casa, pois os restaurantes não iam fechar as portas e haveríamos de ir a eles depois noutras oportunidades.

Por diante, deixamos também de assistir às sessões de cinema, principalmente aos sábados, dia em que os exibidores faziam o lançamento de novas películas...

Ermelinda (eu sabia que ela não estava sendo sincera) apregoava-me o embaraço, que a constrangia, de me saber prejudicada...

Talvez por reconhecer-me retraída – e, na verdade, estava sucedendo ultimamente – Pedro, em dia em que estávamos a sós, quis saber:

– Então, que se passa com você? Há algum problema. Você está tão mudada, esquisita!

Não. Não havia problema. Eu continuava a mesma...

Procurei desconversar, a alegar que me sentia cansada, talvez os dias quentes do final do ano.

– Não, não deve ser por isso. Me conte. Olhe, até hoje, não guardamos nenhum segredo um para o outro. A regra deve continuar Seja franca....

– É como acabei de dizer:

Ele compreendeu tivesse havido pequena desinteligência com a mãe. Chegou a insinuar, mas, com certo orgulho, eu o distraí da idéia.

– Qual! Como ia sentir ciúme de sua mãe? Nem pensar! Tratava afetuosamente, e quanto a seu querer por ela, tudo normal! Se você procedesse de modo diferente, seria censurável... Olhe, esqueça. Estou – quem sabe? – na fase difícil em mulher, entrando na menopausa...

Ele assustou-se:

– Por Deus, você não tem idade!

– Obrigado por tão generosa avaliação.

E ele, tomando-me as mãos (nos últimos meses o seu primeiro gesto de afeto, e de tal forma tão carinhoso, tão cheio de sentimento, que meu coração bateu forte...), ia dizendo, a voz agora soando de modo diferente, a me remeter para os dias normais, quando Ermelinda não havia ainda chegado para ficar em nossa casa...

Podia até ser tudo um artificio, exibição de fingida reconciliação.. Algo assim, inonimado, mas com o condão de reanimar, de restituir a quem estivera a ponto de fraquejar, a inesperada e desejada mensagem de que nem tudo se perdera...

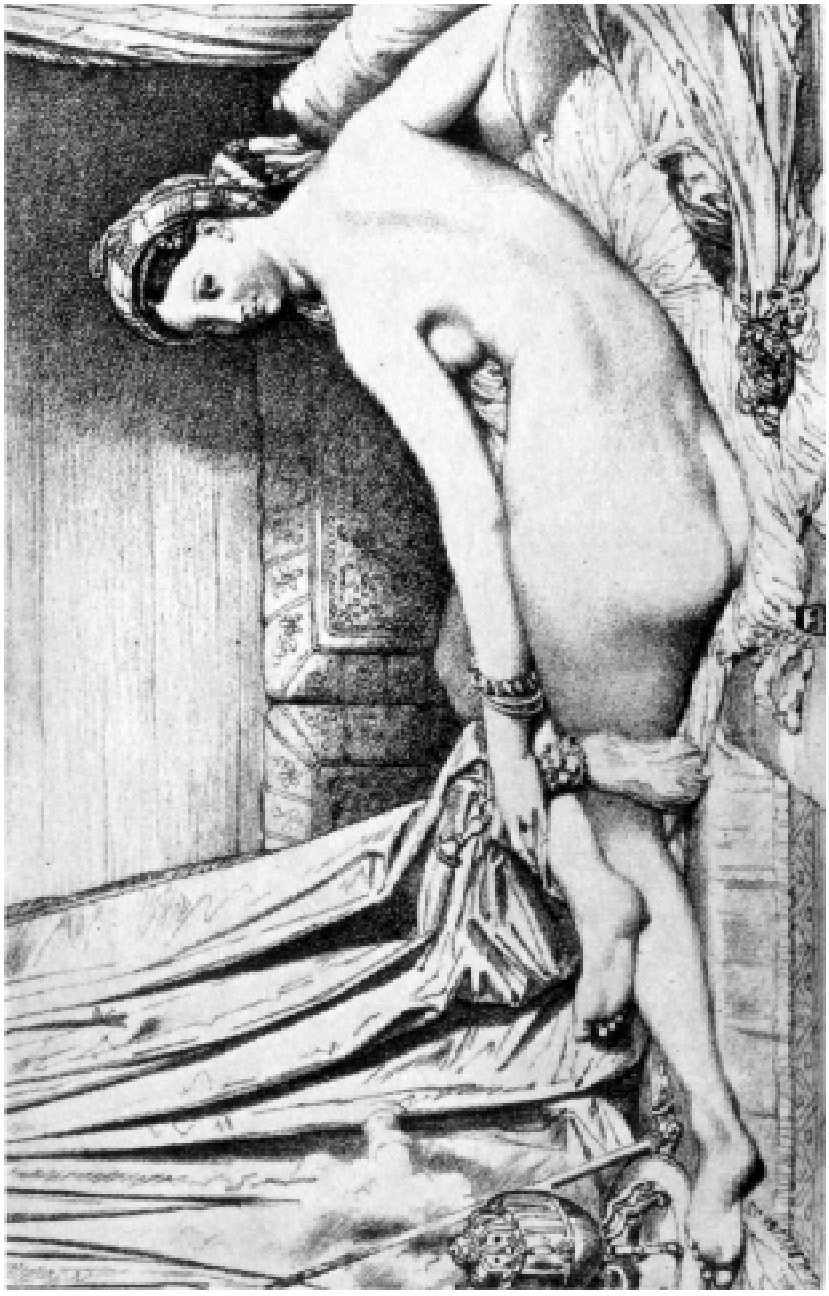
E lhe sorri bastante receptiva, não com a intenção que ele intuiu de meu gesto, um desejo de tê-lo estreitado em meus braços.

Mas em verdade eu tentava enganar a mim mesma. Aquela sogra era realmente uma rival de modo muito diferente, era...

Foi quando meu marido me perguntou:

– Está pensando em quê?

Apenas sorri. Na realidade estava pensando na mãe dele. Na morte dela.



Recling Odalisque, Jean-Auguste Dominique Ingres, 1825.

UM DRAMA INESPERADO

A mulher tinha mais idade que o marido, o representante comercial Sebastião Accioly, e fazia de um tudo para atenuar a diferença que existia na faixa etária de ambos. Davam a ela uns setenta e seis anos, e ao homem, o máximo setenta. No entanto era ele que mais se queixava do peso dos anos, a invejar os mais novos, a renegar a velhice...

Nessa fase da existência dos dois as pessoas se admiravam. Sendo mais idosa a esposa, era exatamente ele, e não d. Emengarda, que vivia a se lamentar, e fadado, como dizia, a carregar uma verdadeira farmácia em sua pasta de papéis importantes. Aí se podiam ver pomadas, frascos com vitaminas, xaropes e até fortificantes.

Em casa, se podia estar deitado, não se punha de pé...

Vendo-o assim a esposa comentava: "É homem de não fastar uma cadeira para perto..." Toda hora a solicitar dela ou da empregada: "Empurra mais pra mim a cadeira...."

Já se levantava da cama resmungando:

– Não posso viver assim. Se tirasse a sorte grande, ia viver de pernas pra cima... Trabalhar, nunca!

Nesse dia, não estava diferente das vezes anteriores. À mesa, não se serviu de leite, pois abominava-o.

"Não lhe suporto nem o odor!"

Tomou o café com adoçante artificial, e sempre a se maldizer que não obstante ater-se a tantos cuidados com a saúde, as forças – "Você é testemunha disso, Hemengarda." – sumiam-se.

Ela confirmava.

Há mais de ano o homem não a procurava na cama e "já por último, a mil pretextos, passara a dormir em rede armada a um canto do cômodo, sob a desculpa de não querer incomodá-la....

– Já não sou aquele homem de ontem, cheio de energia... Você sabe, Emengarda...

Como sabia a coitada! Para não agudizar o problema, calava. Lera a uma revista em consultório de dentista, não produzir bom efeito a pessoa repisar a incapacidade de que se queixavam os outros...

Era munir-se de paciência.

Melhor calar, como se em verdade não se sentisse totalmente prejudicada (não só agora, vinha a caso dizer, mas de anos, de cinco até aquela parte).

A certo instante, estimulava pelas cenas de nudez que vira em novela de televisão, sem nem ao menos saber como se achara acordada para desejos que o pudor fiscaliza, sentimento de posse deseducada, que, em rigor, esperava não lhe inspirar mais.

Assim houve noite em que não de modo menos recatado tentou encostar-se ao marido – "ai, que frio estou sentindo!"– e ele pareceu afastar-se dela, a repisar recriminações doloridas, de dar pena.

– Ah, meu Deus – passou a gemer – estou hoje pior que ontem. Nunca me doeram tanto as costas! Acho que deve ser tumor na coluna... ai! ai! Tanta gente ruim, boa de morrer, e as mazelas só cuidam de cair em cima de mim... Nessas horas, juro, tenho vontade de desaparecer...

Noutra oportunidade, a ser recusada, encheu-se de coragem e protestou. Desgraçada era ela – foi-lhe dizendo – que já podia considerar-se viúva de marido vivo... Que alegria podia ter? Não passava de desprezada, atirada para o lado, papel de embrulho E ele a choramingar, outra vez patético:

– Mulher, o envergonhado sou eu... Por acaso pensa não me incomodarem os seus desejos, a sua vontade (não maior que a minha) de amar?..

Da última vez ela imaginou-o soluçando, a se ralar de dor, afundado no que podia perceber doloroso estado de frustração...

Não se contendo, foi abraçá-lo, carinhosa:

– Meu queridinho, eu compreendo.

E para justificar, acrescentou:

– Nós, em nossa idade, li numa revista do salão de beleza, temos de aceitar as coisas com a compreensão de que já vivemos os bons anos da mocidade... Posso esquecer quando nos amamos pela primeira vez? Posso? E foram tantas... Agora, vem a fraqueza do corpo, as perversas

doenças... E ficam os desejos, mas são esses que nos alertam para a existência da amizade, da necessidade de sacrifícios, das renúncias...

E em tom de voz mais convincente:

– Precisamos ser humildes diante da realidade.

Ao outro dia, a mulher admoestava-o à saída:

– Você se acaba! Deve poupar-se. Não tem necessidade de estar correndo para o escritório como se fosse empregado comum...

E ele, enigmático mas afirmativo:

– Não posso ficar parado. Não sou de ficar em casa. Tenho de mostrar que pelo menos no trabalho ainda sou útil...

E ela, a fingir não entender o que o marido queria significar com a última frase:

– Tomou o remédio da pressão? E das tonturas?

Ele aquiescia, a resmungar, a enfiar-se no paletó de xadrez, em moda, já para sair.

– E as vitaminas? O médico recomendou não se descuidasse de tomar a B, importante para relaxar... Favorece até mesmo o raciocínio... Ah, meu Deus, essa pressa de comer e sair correndo não melhora a vida de ninguém!

Ele já estava distante.

Mais tarde, anoitecendo, telefonou para Emengarda:

– Olhe, estava desejando jantar a seu lado, mas me desculpe, não vou poder sair do escritório...

– Está se sentindo mal? – ela perguntou pressurosa.

– Não é isso não. Chegou cliente ilustre, empresário rico do sul do pais. A matriz me mandou dois avisos me pedindo para dar toda assistência. Desse modo, vai-se o meu desejo de estar com você... E perco também sua companhia...

– Por favor, veja se arranja instante, meia hora, e venha tomar pelo menos a sopa... A que horas chega o avião?

– Perto das oito... Esqueça, não posso atrasar.

Houve uma pausa. Ele retomou a palavra:

– De que é a sopa?

– De cebola... temperada com bastante queijo, e do jeito que você aprecia. Venha, homem! Venha – ela insistiu.

– Dá certo não...

– Tomou todos os remédios? Não está na hora da drágea para controlar a pressão?

Ele fingiu-se aborrecido:

– Por acaso serei algum irresponsável?

– Está bem, se tem tudo sob controle, ótimo – conciliou a esposa. E a que horas nesse seu "mais tarde" vai poder chegar em casa?

– Deixe pra lá! Veja a novela, assista outro programa.... Antes de meia-noite, é por aí, estarei chegando...

– Que extravagância!

– Deixe de ser birrenta! Preciso ganhar dinheiro para atender a tudo que você quer. Por acaso já lhe faltou alguma coisa? Ora!

Não está pensando ir visitar sua mãe, no sul? Pois é. Tudo na vida tem seu preço. Minha hora de pagar chegou.

Desligou, a dar a entender que o diálogo o deixara irritado.

A mulher amuou-se mais, sofrida.

À noite, não acompanhou a novela que preferia assistir para ter assunto, para comentar com as amigas. Sentou-se à mesa, só, desamparada, infeliz.

A empregada intrometida veio saber se estava havendo algum problema.

– Quer dizer que o patrão não vem para casa, é? Que coisa! Não sei como agüenta. Essa semana é bem a segunda vez que o doutor resolve ficar na rua até tarde...

Emengarda não se conteve:

– É o trabalho, as obrigações! No começo da semana, foi um advogado. Chegou acompanhado da família. O desgraçado veio de férias, não contratou nada... Pensava encontrar tudo fácil aqui...

A empregada em tom de descrédito:

– Chega muita gente para atrapalhar o marido da senhora.

Emengarda preferiu calar Aquilo de o marido não voltar para casa, no horário normal obedecido por qualquer chefe de família,

tornara-se tradição. Rara a noite não ficava retido pelas obrigações do escritório. Havia sempre pessoa importante chegando.

Ela que se estomagasse, sofresse...

No começo ficava acordada, lendo revistas, velhos jornais, assistindo a repetidos programas da televisão, até o marido chegar.

Já pelos últimos meses, ao peso da idade, e dessa rotina que a deixava realmente exasperada, recolhia-se.

Preferia dormir.

Já pelo final do ano Sebastião avisou à mulher, sob aparente contrariedade, que precisava viajar, chamado pela matriz da empresa, no sul. Não era hora de se ausentar, logo quando, mais entusiasmado que das vezes anteriores, tomava providências para o Natal e Ano Novo..

A mulher, a choramigar, rendia-se contrafeita à inesperada viagem.

– Isso acontecer no último mês do ano! Um desaforo! – ia falando, enquanto com enfado arrumava os pertences que o marido desejava levar, e remédios, tantos que já perdia conta...

E ele a cobrar:

– Já botou as vitaminas? Não posso passar sem o remédio da pressão.

– Já lá está, não ia esquecer... Vai demorar muito? Sete dias?

– Talvez mais De dez a vinte..

– Mas nunca foi assim, é abuso...

– Não posso fazer nada.

Não eram passados dois dias da partida do dono da casa, d. Hemengarda foi chamada ao telefone.

Cidadão, a se identificar por Dr. Bruno, tinha pressa de falar-lhe em particular.

– Se não for incômodo, posso estar na casa da senhora ao final da tarde... – propôs

Ela ficou indecisa, mas a voz ao telefone, em tom respeitoso, insistia:

– Muito importante para a senhora. Por favor, não vou demorar mais que dez minutos...

Ela aquiesceu.

Encerrada a ligação, pediu para a empregada trazer-lhe sem demora um copo d'água. A outra percebeu: a patroa não estava se sentindo bem.

– Notícia ruim?

Não, não era – respondeu.. .

Foi ao quarto, e arriou-se na cama, realmente abalada. Pensamentos os mais confusos acudiam-lhe. Que particular tão importante o estranho desejava ter com ela? E imaginou fosse algum funcionário do escritório desejando alertá-la para a saúde do marido... Sim, só podia ser algo assim.

Alguns minutos depois das 17 horas, como combinado pelo telefone, o Dr. Bruno desceu do táxi. Caminhava vagarosamente, passo a passo, de certo em razão do próprio corpo, natural de pessoa que não ligava para regimes e devia fartar-se à mesa.

Foi avançando desse modo pelo passeio de pedras miúdas que dividia o gramado do jardim, e não demorou estar à porta, premindo a campainha.

A empregada, curiosa e não surpresa, veio recebê-lo como a patroa recomendara, cercando-o de atenções. "Pode entrar, senhor – ia dizendo –, pode ficar à vontade".

Depois de vê-lo dentro de casa, a moça indicou-lhe o sofá guarnecido por almofadas:

– A patroa não demora.

Quando Emengarda entrou na sala, o homem levantou-se de modo educado, e estendeu-lhe a mão.

– Muito grato em concordar em me receber – agradeceu.

Emengarda preferiu sentar-se numa poltrona enquanto o visitante retomava ao sofá, a comentar o bom gosto da decoração. Aludiu ao retrato da dona da casa, trabalho de conhecido pintor. E transcorrido breve instante em que pareciam meter-se na sala todos os sons da rua, ele começou, a voz soando reticente, indecisa, a sugerir emoção:

– A senhora deve estar sabendo da viagem...

Ela aquiesceu naturalmente e aduziu com a pretensão de esclarecer:

– Meu marido viaja muito. Dessa vez vai demorar mais de uma semana. Foi para o sul.

– Para o sul? – o outro admirou-se.

– Pelo menos foi o que me confiou... Aliás, em missão bastante desagradável.

A visita manteve-se calada. A impressão é de que por instantes punha-se a avaliar o significado das palavras que acabara de ouvir.

Em verdade, dava para perceber estar diante de senhora bem intencionada, exemplar esposa dessas cada vez mais raras, voltadas para os quefazeres domésticos...

– Minha senhora, me desculpe. O marido da senhora, a essas horas, deve estar na Europa.

Ela assustou-se. Não se queria mostrar perplexa, mas era o que transparecia diante daquele homem de feições cordiais e que a induzia, a esse exato momento, pensar no marido astucioso.

– Viagem para o exterior? Duvido muito. Meu marido não tem saúde para ir tão longe...

– Está doente? – admirou-se o homem.

– Sim, vem com a saúde abalada há anos. Está sempre indo a médicos, não pára de tomar remédios. O senhor nem imagina como fico preocupada. Por isso, me admirei quando aludiu a uma viagem, vamos dizer, internacional. – Depois de breve pausa, achou oportuno acrescentar – O senhor não tem informação correta a respeito da viagem do meu marido. Realmente foi ao sul, atendendo a chamado da empresa... Portanto, não procede essa ida para o exterior...

– Infelizmente sou forçado a descordar.

– Posso saber por quê? – ela ousou perguntar, aborrecida.

E ele, depois de acomodar-se melhor no sofá, exprimiu-se em tom magoado, traindo amargura, pausadamente:

– Com todo respeito, deve e pode. O seu esposo viajou com a minha mulher... – disse e calou, empalidecendo.

Foi a vez da dona da casa assustar-se:

– Verdade? Verdade mesmo?

– Infelizmente para mim e a senhora os dois são amantes.

Ao contrário do que o visitante esperou, a mulher confiante começou a lhe sorrir... E não demorou dizer-lhe a vagar:

– Vê-se, o senhor não o conhece. Lembrei antes, meu marido é um doente crônico... Espero que entenda, incapaz de assumir o papel de amante... Está muito longe disso! Frágil, muito acomodado... Vive indisposto... Não tem iniciativa... E mais, sim, muito poderia dizer-lhe, mas há coisas que devem ficar fechadas para sempre entre quatro paredes... Por favor esqueça essa história.

O outro ainda pensou em exibir as provas da desdita.

Tinha à mão, no bolso do paletó, a carta de despedida que a adúltera desavergonhada largara em cima da cama.

Em menos de uma lauda a maldita escrevera, com frieza e desdém, a razão da ruptura, a partida, a improvisada viagem para Lisboa.

Sim, talvez a dona da casa, ele ia raciocinando, não pudesse ver o sofrimento que lhe tomava o corpo, sobretudo a vergonha de participar de episódio que desmerecia, arrasando, a um marido cumpridor das obrigações...

Mas àquele instante, deparando o ar inocente de D. Emengarda, começou a pensar seriamente, mas muito seriamente.

Diante dele, aureolada de inocência e inexperiência, estava a criatura talvez mas digna de compaixão que já encontrara em sua vida.

Levantou-se. E sem mais uma palavra, foi embora.

Jovem em seu Leito de Morte, Rouen, Museu de Belas Artes, século XVII.

A MORTE CONTRATADA

Ninguém podia imaginar o que os dois homens tratavam. O atarracado, baixo, de bigode, ouvia atento o que o outro – parecia escondido debaixo do chapéu de abas largas um tanto usado, e que destoava do trajo não adequado a quem saía a divertir-se socialmente.

O parceiro, à escuta, agora usava a palavra.

O garçom quando se aproximava a lhes servir mais chope, bebida renovada a cada dez minutos, os dois se calavam como se regidos por sinal.

O mais velho, em seguida, continuava, e na maneira de articular as palavras, movimentar as mãos, expunha problema que não entrava fácil no entendimento do outro.

Quem ali chegasse àquele exato momento, não desconfiaria do trato que os dois efetivavam Para a maioria dos que, por acaso, os estivessem observando, o assunto de ambos devia relacionar-se com negócio importante.

Em verdade, era. Arriscado e perigoso.

O mais novo dos dois, sob ar matreiro, não cessava de vigiar o que se passava ao derredor, a demorar os olhos em quem chegava ao restaurante. No decorrer do diálogo não parava de cobrar explicações.

Precisava, chegou a mencionar mais de uma vez, estar muito bem instruído. O êxito da missão para a qual se capacitava, dependia diretamente de umas tantas indicações... Todo e qualquer pormenor valia para o sucesso do que ia fazer.

Era, chegou a referir, igual a história policial em que simples detalhe não observado acaba botando tudo a perder, o vilão preso, a polícia triunfando.

Assim tinha necessidade de possuir a foto da vítima, de preferência duas, ambas em tamanho postal, fotografias de estúdio, não das que se chamam instantâneos...

Só assim, repetia pela quarta ou quinta vez, podia garantir, garantir mesmo, que tudo terminaria como ajustado...

O homem de menor estatura, o tal que cobrava informações ao outro, atendia por Bira. Cognome, algo a disfarçar-lhe a identidade.

Cauteloso, não fazia ligações ao telefone – confessava em voz surrada –, preferindo reatar a conversa, contatos para acertar detalhes do "serviço" sempre em pontos diferentes... Podia ser em restaurante, bar, rodoviária, estação de trem...

O próximo encontro – estava dizendo agora – teria de ser noutro local, distante dali, ajustado desde já... Quando fossem sair da mesa do restaurante, só estariam se encontrando, para novo acerto, no dia tal, em hora aprazada...

O outro relutava quanto aos retratos. Difícil conseguir dois postais como proposto. Com toda certeza um estava garantido, já em seu poder. E se não bastasse, tinha meios de reforçar a descrição acrescentando o que o outro julgasse indispensável.

A voz do que estava sendo contratado, fez-se ouvir mais alto, com determinação:

– Quero o retrato também falado. Tudo preparado com antecipação.

– Sim, sim, sei...

A essa altura argumentou:

– Se for cumprir o ajustado, correndo, me perco. Todo. Essa coisa não pode assim, não é como quem está de longe, só imaginando. Preciso de dados pessoais, hábitos da pessoa, de tudo, idade, se tem cabelo branco, como anda, o endereço...

– Endereço? Tem errada, não.

Tomaram mais um chope duplo, bem gelado. O que se chamava Bira pediu o tira-gosto de queijo, recomendando não o trouxessem muito miúdo.

Queria, foi justificando, pedacinhos de segurar com dois dedos, sem precisar palito...

Agora, queria saber o motivo, a razão do "negócio", se havia problema de honra pelo meio...

Não, não era isso... Ia dizendo o mais idoso, a voz quase sumida.

– A questão é outra...

– Grana?

– Sim, dinheiro...

– Ah, quer dizer que a madame é baluda, cheia do dinheiro?

– Bem, acho que já falei demais...

– Qual a sua, cara? Tem de ser assim mesmo! Esse é um trato de confiança... Sem sinceridade, não ajustamos nada. Afinal de contas, a responsabilidade é minha Sou profissional. Quero que me diga tudo pelo desejo de poder trabalhar com mais segurança. Concluído o serviço, não me interessa quem embarcou dessa vida para a outra.

A um momento, em tom de alguém prestes a perder a paciência:

– Mostre o retrato.

Submisso, o outro obedeceu. Foi a vez do que se chamava Bira segurar a foto, como se a avaliasse com o tato. Passado um instante, pronunciou-se, frio:

– Não é nada boa. Está aqui uma senhora de idade... Sei lá se ainda usa esse penteado? Pra mim é coisa fora de moda... Ninguém anda mais na rua com esses cabelos. Melhor ajustarmos outra coisa, marcar hora em que eu possa ver você e ela juntos...

– Onde?

Como se procurasse solução conveniente, o outro sugeriu:

– Domingo, na hora de ir à missa. Não são praticantes?

– Sim, missa da tarde, a que começa às 17 horas... A igreja fica perto de nossa casa, em frente da praça...

– Sei, já passei lá.

– Então, confirmado? – cobrou o marido.

– Está com pressa? Quero tomar a saideira...

– Certo, certo! Por mim não tem problema demorar mais uns minutos. E depois de breve pausa, ainda indeciso – Quer dizer que só acertamos tudo depois do domingo?

– Isso mesmo... No meu negócio segurança e cautela são itens importantes.

Restituindo o retrato, comentou:

– Ela está bem mais velha do que o senhor....

Ele justificou: – uns dez anos... Quando enviuvou, de empresário endinheirado, tinha passado dos sessenta...

– O tempo desfigura mais as mulheres que os homens... É pena.

Foi-se o último gole do chope. O contratante pediu a nota. Enquanto aguardava o garçom, comentou:

– Foi encontro produtivo. Só falta agora a missa.

– E...

Fez-se reticente.

– O quê?

– A estratégia, a técnica a ser adotada para... – ia dizer "eliminação", calou...

O outro entendeu. Já de pé, afrouxava o cinturão que parecia incomodar:

– Deixe comigo. Como expliquei, tem de fingir que houve reação a assalto comum, de rua, tão documentado agora pela imprensa. A

senhora, foi querer ficar de posse da bolsa, e o marginal, coisa assim, afobando-se, disparou o revólver. Tudo simples... Principalmente levando-se em consideração tratar-se de senhora de idade, rica. Todo rico, se defende como pode para não perder o que tem.

– Será que vai dar certo?

– No meu entender, vai. Quase todo dia os jornais estão aí noticiando fato semelhante...

– Tem de ser tiro que mate logo...

O outro rio e acrescentou:

– Meu amigo, o senhor não está na minha profissão por um motivo: não precisa se arriscar para viver... nem sabe atirar...

Nem ouviram o agradecimento do garçom satisfeito com a gorjeta. Foram saindo. O marido acomodando o retrato no bolso e pensando que ainda faltavam dois dias para o Domingo, para a missa das cinco horas.

Aquilo, que se pode considerar acaso, aconteceu no começo da tarde. Indo ver o álbum de retratos de família, se não estava exposto à ação de traças, D Minervina deu pela falta da melhor foto, que já tirara.

Chamou a empregada à sala para comentar o inusitado acontecimento. Não havia explicação. Por qual razão ou com que interesse, alguém iria subtrair-lhe foto tão pessoal?

Cobrava à empregada perplexa:

– Me diz, criatura, quem capaz de fazer isso? Está lembrada se entrou alguém aqui, ontem? hoje?

– Nem visita! Dia mais normal que os outros – argumentava a outra.

– Mas não deixa de ser estranho!

– Retrato bonito, o mais bonito, logo esse desaparece! A senhora nele está tão bem, mais nova, cheia de vida!

– Pois é! Feito em ateliê, logo comecei a ser cortejada pelo meu segundo marido...

– Faz pena mesmo! Mas não acredito tenha saído daqui por mágica...

De repente, como se algo a inspirasse, a dona da casa, que se movimentava sem cessar no interior do quarto, deu parada súbita, a indagar:

– Que dia é hoje, criatura?

– E não é Sexta-feira!?

– Quero a data... Onze? É mesmo onze?

A outra, sem compreender, assentiu com afirmativo meneio de cabeça.

– Tudo explicado! Amanhã é meu aniversário. Isso! E o tonto do marido na certa levou a foto para arrumar notícia no jornal... Ah, detesto esse tipo de divulgação! Ele sabe que não gosto! Por isso, sem nada me avisar, está preparando surpresa pra mim....

A moça desatou a rir.

– Onde está a graça?

– Estou rindo do marido da senhora, nunca pensei fosse de astúcias...

– Dobre a língua. De astúcias não, de amor!

– Pois então, melhor. Meus parabéns.

Davam as dez da noite quando ela espertou. Estivera até então recostada no sofá da sala, à espera do ruído da chave na fechadura, antecipar os passos do homem voltando para casa.

Ia demover-lhe da publicação da foto.

Preferia outro tipo de comemoração, algo que a animara logo a se levantar da mesa, depois do jantar. Desse modo arranjara a cama, o pequeno jarro de flores à cabeceira... E com arrepios de desejo borrifara a colcha azul celeste com o colônia de perfume seco. Tão do gosto dele.

Na geladeira, já fazia horas, a garrafa de champanha. Os copos, à mão.

Iam dispor de bastante tempo para conversar amenidades, bebericando a vagar, muito a vagar... E trocando carícias, e se beijando, até soar a meia-noite. Nesse exato momento, sem ele perceber, ela o arrastaria para a cama...

Chegou a pensar em dizer-lhe, enquanto caminhariam em direção ao quarto, umas frases carinhosas.

Deus lhe dando coragem, nessa hora, era capaz de repetir a declaração de amor em moda na novela da televisão:

"Ai, morro de tesão por ti..."

O Voto Guardado, ilustração duma edição da autoria de Boccario, Brunelleschi, 1940.

HISTÓRIA ANTIGA DE MOÇA QUE SE FEZ FREIRA

Era pelo final do século XVI.

Em Lisboa, a esse tempo, ia-se atenuando, a esmorecer quase de todo, o rigor que animava os homens da lei a cobrar, às ruas, o exato cumprimento da justiça aos que teimavam ainda a caminhar embuçados.

O bioco, desse modo, passava a trajo então interditado aos notívagos, principalmente às mulheres, fato a alegrar a maridos ciumentos mas submissos, que, desse modo se imaginavam livres de ouvir notícias desagradáveis das consortes astuciosas.

Em verdade os tempos mudavam.

No século entrante uns e outros já começavam a ficar mais desembaraçados da intervenção, em público, dos oficiais da lei.

As senhoras podiam, para alegria geral, notadamente dos cavalheiros, andar ao alcance dos olhos e não mais disfarçadas.

Em rigor no reinado de D. João V as damas de bioco, que faziam a chamada moda velha, foram desaparecendo, cedendo lugar

às novidadeiras que, pertencendo ao partido do conde Ericera, queriam-se melhor vistas, avaliadas pelos homens.

O rei tinha vinte anos.

E todos os seus súditos, principalmente os do sexo feminino, mesmo de mais idade, almejavam mostrar-se, exibir-se em parelha com a mocidade e vigor do rei.

Esse fogoso monarca, D. João V, podia mais que todos, e assim agindo deu mais liberdade ao amor, fez-se entusiasmado freqüentador de conventos, não raro a manter complacentes freiras sentadas aos firmes joelhos, às quais, entre um carinho e outro, para passar o tempo, ia-lhes recitando sem nenhuma pressa uns tantos "papéis de solfas".

Agora, como em história em modelo antigo, vem hora de contar da jovem Elita.

Moça era, e cheia de vida, e não menos de curiosidades não contempladas.

A cada dia vivido, aspirava aprender as coisas da vida, segredos e encantos, ou a própria malícia dos mancebos, o que ia fazendo não apenas pelos meios da limitada pedagogia doméstica.

Não demorou, portanto, ater-se bem informada por mexericos e relatos das amigas da mãe; pela conversa do pai, que era de falar alto com outros cavalheiros, quando ele e os amigos punham-se a fumar charutos longe das senhoras... E mais aprendeu, sobretudo à crônica chistosa (e igualmente chula) dramatizada pela criadagem.

Assim soube de como os homens beliscavam as nádegas (os criados diziam bunda) das mulheres até mesmo nas procissões, ou

no transcorrer de festas, ou ajoelhadas aos confessionários... E a informaram de que das beliscadas, algumas ainda que discretamente, exibiam prazerosas os vestígios da coxa vulnerada... E veio a saber mais dos namoros desbragadas ao pé de escadas, ou debaixo de janelas, e de casos amorosos envolvendo impudicas freiras que andavam de cor vermelha às faces e moscas tipo "pega rapaz".

Contaram-lhe mais, com detalhes a vida pecaminosa das mulheres que vendiam o corpo, e os excessos de frades roliços de tanto beber e comer...

Não tardou saber também das peças de teatro (quase sempre comédias) postas em cena no pátio das Arcas. Ah, o pátio em que se exibiam também as saltitantes francesas!

Pátio? Para muitos o "curro dos Condes", pois ali, curravam-se por antecipação a honra de raparigas desavisadas, enquanto subiam ao palco as tais francesas atrevidas, mais que isso, espalhafatosas, pernas e seios balouçantes, criaturas pícaras arrodeadas de pândegos ou basbaques metidos a sérios, mas simplesmente bajuladores vulgares, considerados os "moradores chamorros do Rocio".

A moça, essa bem comportada Elita, de quem nos ocupamos, queria ir lá.

Estava cansada de esperar hora de mais idade; carecia saber como era esse outro mundo diferente de danças, de pernas de fora, de namoros e beliscões...

Assim ansiava por conhecer como sucedia tamanha patuscada, as tais horas de divertimento pelo menos no Pátio das Arcas... Como se

davam os bailados de bonecos que saiam a se exibir como gente, e como eram os romances recitados...

Desse modo, tomada de coragem, ousou pedir ao pai.

Mas o velho Antunes, como se visse a querida e jovem filha arrebatada por demônios, vociferou:

– Nem pensar, rapariga! Nem pensar! Antes minha morte que ver filha minha donzela chamada de "senhorita de Comédia", como os meus amigos, à boca pequena, comentam a desfaçatez de doidivanas que lá vão desfrutadas por chombeiros, pelos faceiras e principalmente pelos malditos bandalhos...

Com o passar dos anos nem a rapariga tinha permissão de ir a ver o que se passava ao pátio das Arcas, nem se decidia por aceitar a corte de gajo viúvo para quem o pai apontava matrimônio feito à medida, a interesse das relações de família e negócios.

Não, nessa de entregar-se ao convívio de homem mais idoso nem pensar, assim como lhe repugnava envelhecer dentro de casa, coberta pelo marido sem reciprocidade de desejos, e filhar a cada ano, cercada de comadre e beatas de igreja.

Casar-se-ia com Cristo.

Mil vezes assim, foi em dia de mais coragem, confessar ao pai, meter-se portas a dentro de algum convento, tornar-se virtuosa

em convívio com as almas puras, usufruir a existência, como lhe avisavam os criados, mais cheia de encantos.

Verdade que se davam ali no decorrer do dia muitas meditações, e bastante tempo ficavam todos de joelhos pelos altares. Mas, conquanto o trabalho corresse penoso, era cheio de sacrifícios para quem entrava. Depois, ao passar dos dias, quem ganhava experiência tinha direito a regalias...

As freiras, dizia-se à boca pequena, viviam melhor do que certas damas da Corte.

O pai relutou, e afinal concordou.

Já que a sua querida Elita não aquiescia em se matrimoniar com o viúvo – e por último o próprio genitor já considerava o pretendente um azarado em negócios e não menos rabujento... – preferível a perspectiva de destino divino.

Desse modo foi acontecer.

A mãe, às lágrimas, às despedidas, não cansava de enaltecer à Superiora os dotes, e os dava por finos, que a "mimosa", a "linda flor da família", cultivava.

Dois anos mais tarde, a rapariga deixava de ser noviça. Desfrutava mais cedo que imaginara o direito de movimentar-se com liberdade pelo interior do convento, e ganhou o favor de ter, para escrever, os dois tinteiros da anedota: o de tinta azul... e outro, com água, para

molhar o papel a fingir lágrimas de saudade, ao escrever as chamadas "cartas de ausência"...

Havia por assim dizer, naquela casa de recolhimento e paz, um sistema misterioso e especial de relações com o mundo.

Só, a pouco e pouco, os que nela viviam, como Elita, iam-lhe aos pormenores.

Despachava-se as cartas debaixo de reiteradas recomendações de irmã encarregada de aparar os excessos de linguagem, o descomedimento de revelações que, repassadas à sociedade, podiam prejudicar o bom nome da instituição. E nada impedia a atividade desse incrível correio, e não faltavam mesmo os bilhetes vindos do outro lado da porta do convento, avisos de alguém, não raros, a revelar ter observado para amar por toda vida essa ou aquela freira na oportunidade em que a casa, sob normas especiais, permitia a visita de parentes e amigos...

Pelo terceiro ano – e na verdade nem demorara tanto – Elita, já identificada por irmã Celeste, sabia-se cobiçada por insistente desconhecido...

Dele a perfumada missiva chegada às suas mãos, assim a modo de esquecida no rol das quatro ou cinco recebidas de casa, firmadas pelos pais.

Estava do tamanho, isto é, da ardência instigante de quem queria cortejar sob mistérios.

A pessoa, a esconder a identidade na assinatura de "Um Escravo", firmada em gótico, pedia que a mais "doce das irmãs" indo estar às grades, em dia de próxima visita pública, se encostasse o tanto que pudesse às treliças de madeira, das gelosias, para que ele

lhe pudesse sentir perto o palpitar (estava escrito) dos "maviosos pomos escondidos no hábito mas não de meus desejos."

Informado ao pé da epístola: "Nessa hora, dona de meu coração, sei que tu farás o que acabo de pedir, e eu não faltarei ao pé das grades, ao pé de ti..."

Assim aconteceu.

E mais sentiu Elita. Além da respiração ofegante do anunciado apaixonado, sem ao menos esperar, dois decididos e vigorosos dedos alcançaram-lhe os seios, premindo-os de forma muito estranha mas assustadoramente agradável...

Irmã Celeste era bernarda de indumento escuro, sóbrio.

Por baixo de tantos panos, que vestia para não caracterizar o corpo pecador, pulsava um coração refém de paixão.

Depois desse episódio, a religiosa pouco interesse teve pelas visitas de mamãe e papai. As cartas para o Sr. Antunes não mais seguiam o curso de correspondência desejada por ele.

E não paravam de chegar do antigo lar os mais variados pratos da cozinha lisboeta, principalmente os doces, tudo a pretexto de mais bilhetes, mais avisos da família saudosa...

A mãe, um dia, a se queixar de "abandonada", mandou-lhe filhoses – perfumados de bons cheiros! – e não menos apetecente pão doce. Talvez rosca, pois levava jeito, fazendo arco.

A filha desdenhava, já não queria comê-los a receio de engordar, perder a silhueta esbelta que entusiasmava o apaixonado.

E rechaçava o envio dos tabuleiros Não, não repetissem os quitutes...

– A senhora deve largar disso! A Superiora não aceita. Há de tudo em nossa dispensa. A cozinha prepara deliciosas broas de milho para o desjejum..

Agradecia os filhoses, e só queria mesmo – e como! – o toque dos espertos dedos de "Um Escravo", personagem que não tardou revelar-se-lhe esbelto, como a acudia em sonhos; mancebo de feições nobres, corpo cheio de carnes e vestido em caprichoso indumento militar em que se metia, a inspirar respeito, a lhe cair com elegância, espadim de lâmina curta e cabo dourado.

Como sabia conversar! e andar! e sussurrar palavras mais doces que o doce pão que a mãe cuidava de trazer-lhe! Todo guapo, frajola, o cavalheiro, quando despido da farda, trazia à cabeça um chapéu de "três ventos", a fazer moda.

Nobre de sangue, via-se: e de dinheiro fácil. Subornava, elegante. Comprava como se não pagasse.

A bolsa, sempre generosa, abria portas e caminhos, e celas, no convento. Com o tinir das moedas conseguia o guapo militar o que jamais imaginara Elita: encontrar-se a sós com ela, enquanto à porta, freira alcoviteira servia de sentinela.

Enquanto se iam os dias, mais se contrariavam os pais.

Davam-se por excluídos da estima, do bem querer da rapariga. A mãe tentava ditar consolo ao marido:

– Homem, mais vale estar na casa de Deus que no pátio das Arcas...

O esposo, um cuco como se dizia à época, a gemer, confirmando: – Lá isso era...

Mas o pior para os pais sofridos estava em vir. Não para a astuta freira Celeste, que na vida, de certo tempo a essa parte, só enxergava o venturoso amante.

Consertaram que ela deveria fugir, largar o hábito, admitido faltar-lhe a vocação religiosa, e juntar-se a ele. O amor importava mais. O mundo – dizia-lhe filosofando o soldado – "movia-se de amor, pelo amor e com amor." Tinha de ser desse modo.

A coisa, isto é, a debandada da freira, dar-se-ia em próxima procissão em que as irmandades, bernardas, carmelitas, religiosas de todos os hábitos e cores, estariam presentes.

Toda a Lisboa, aquela cidade compenetrada que ia às ruas ou se grimpava a debruçar-se em varandas e janelas, rua abaixo, rua acima, para acompanhar o desfilar das procissões; senhoras e raparigas de rostos empoados – em moda apovilharem-se as mulheres –, juntavam-se ali, dessa vez, a testemunho da inesperada fuga da irmã Celeste...

Foi o que se deu?

Como aqui contamos conto antigo, o autor tem necessidade de interferir. Mesmo assim, a ter-se por desalentado, incapacitado a repassar para o leitor o que realmente aconteceu.

Quanto mais se vão passando os anos, mais truncamentos, vertentes diferentes, passaram a fluir desse episódio de amor.

Em 1730 um clérigo escreveu fatos estarrecedores de certa freira que chegava a levantar o hábito, sestrosa, para dançar o minueto.

Seria a filha do Sr. Antunes?

A crônica desses idos comenta que as bernardas de Cheias, qual a apaixonada Celeste, exibiam-se aos amantes "disfarçadas e cobertas de pérolas vermelhas."

Notícia de anos mais recuados, pois remeto o leitor a 1700, da conta de freira exibicionista indo à rua a passear de "hábito aberto ao peito, passos requebrados, corpo ligeiro, pescoço estendido." E outras que tais, tão atrevidas em sair às ruas, às procissões, "insultando os padres, alarmando o povo"!

Querem mais? O tantas vezes referido "Um Escravo", não seria por acaso o femeiro D. João V?

O tempo altera e modifica até mesmo singelas (quase dizíamos inocentes) histórias como essa a que nos animamos narrar, pensando dizê-la de um jeito e tendo-a, de outro, ao final.

Vá lá que o escritor fraqueje e não perceba as armadilhas de histórias a modo antigo.

Mas certo estava o Sr. Antunes a prever que a inocente Elita desejosa de estar na rua a participar das patuscadas ao pátio das Arcas, se lá fosse, voltaria para casa "senhorita de Comédia."

De comédia, não, de romance pícaro.

FONTES DA ICONOGRAFIA:

"História da Vida Privada – da Europa Feudeal à Renascença", Org. por Philippe Ariés e Georges Duby, vol. 2, Cia. das Letras, S.P., 1990.

"História da Vida Privada – da Renascença ao Século das Luzes", vol. 3, Org. por Philippe Ariés e Georges Duby, Cia. das Letras, S.P., 1991.

Ludwig Knoll e Gerhard Jaeakel, "Léxico do Erótico", Livraria Bertrand, Portugal, 1977.

Claude Roger-Marx, "Graphic Art of The 19th Century, London, 1962.